

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE TEATRO

GIOVANNA CARLA ROSA DE OLIVEIRA

PEDAGOGIA DE ENCANTAMENTO EM LARANJEIRAS:
investigações sobre a comunidade uberlandense e sua relação com o teatro

UBERLÂNDIA
2025

GIOVANNA CARLA ROSA DE OLIVEIRA

PEDAGOGIA DE ENCANTAMENTO EM LARANJEIRAS:
investigações sobre a comunidade uberlandense e sua relação com o teatro

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do grau de Licenciatura em Teatro, do Instituto
de Artes da Universidade Federal de
Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Uberlândia e a todos os professores incríveis que encontrei ao longo da minha própria estrada de descobertas e encantamentos por me mostrarem como ser atriz e professora. *Com* vocês e *por* causa de vocês, meu maior sonho se torna realidade!

Agradeço também às professoras Valéria Gianechini e a Heloisa Marina por aceitarem o convite de participar da minha banca!

Devo um agradecimento especial para minha querida amiga e colega de teatro Nara Erler, que topou a missão de me ajudar na formatação dessa tese imensa e cheia de detalhes.

Agradeço imensamente ao prof. Henrique Bezerra de Souza, por ter me aguentado durante dois anos e meio orientando dois PIBICs e esse TCC. Professor, foi você quem me mostrou que eu posso – e *quero* - ser uma artista-docente e que estar na sala de aula é um prazer. Foi pelo seu incentivo que essa pesquisa nasceu e deu frutos, mudando completamente minha trajetória de uma maneira muito bonita. Muito obrigada pela parceria e pela orientação!

Se foi o prof. Henrique quem abriu as portas da pedagogia, foi a prof.^a Daniele Pimenta que puxou as cortinas e fez do palco a minha morada. Dani, obrigada por me fazer sentir que meus sonhos não são loucura e que meu lugar é no teatro: foi somente na estreia do espetáculo Piolin que me senti uma artista de verdade, completa. Devo isso e muito mais a você!

Agradeço a cada familiar, amigo(a), professor, colega e educando que cruzou meu caminho antes e durante os acontecimentos desse manuscrito. Aline Oliveira, Felipe Coelho, Thiago Mateus, Bianca Fidenis, Júlio César, Geovanna Aleixo e Mariany Rafaelly são alguns amigos que merecem menções especiais por me aturarem e me ajudarem sempre! Como vão perceber, essa tese é recheada de memórias e significados profundos sobre a minha relação com Laranjeiras, com a escola, com a infância e com a fase adulta - e cada um de vocês deixou uma marca em mim.

Esse manuscrito não seria o mesmo sem o apoio e parceria que recebi da Associação dos Reumáticos de Uberlândia (ARUR) e do Diretório Acadêmico Grande Otelo (DAGO): cada uma dessas instituições teve um papel fundamental para concretizar o projeto que sonhei e desenvolvi. Obrigada!

E por último, mas não menos importante, agradeço à minha mãe, meu pai e meu irmão por me apoiarem incondicionalmente nessa jornada maluca que escolhi para mim, além de me ajudarem diretamente nessa pesquisa: pai, obrigada por não deixar que ninguém me atacasse durante a entrevista-performativa e por me dar tantas caronas; Lippe, obrigada por ser um

fotógrafo de índole duvidosa e por me acompanhar na ação artística. Obrigada por apoiarem a minha decisão de todas as formas possíveis, inclusive financeiramente, durante todo o período do ensino médio e da graduação. Ser artista é tudo o que sempre quis e nada disso faria sentido sem o amor, a parceria e o ombro amigo que vocês me dão em todos os momentos. Amo vocês!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado de uma pesquisa de dois anos no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), orientada pelo professor-doutor Henrique Bezerra de Souza, cujo objetivo é investigar as relações dos integrantes adultos do bairro Laranjeiras, localizado na periferia sul de Uberlândia – MG, com a arte teatral através de práticas e da fruição de experimentos cênicos. Esta pesquisa analisa geograficamente a distribuição dos pontos culturais de Uberlândia e observa, através de entrevistas com gestores culturais e com moradores do bairro Laranjeiras, os motivos do pouco acesso da população periférica nos eventos culturais do município, assim como propõe o fomento da produção de cultura local através da execução de uma oficina teatral e de intervenções artísticas na região de Laranjeiras.

Palavras-chave: teatro; teatro em comunidades; pedagogia do teatro; ação cultural.

ABSTRACT

This Final Course Work is the result of a two-year research project carried out by the Institutional Program for Scientific Initiation Grants (PIBIC) of the Minas Gerais State Research Support Foundation (FAPEMIG), supervised by Professor Henrique Bezerra de Souza, whose objective is to investigate the relationships of the adult members of the Laranjeiras neighborhood, located in the southern outskirts of Uberlândia - MG, with the theatrical arts through practices and the enjoyment of scenic experiments. This research analyzes geographically the distribution of cultural points in Uberlândia and observes, through interviews with cultural managers and residents of the Laranjeiras neighborhood, the reasons for the limited access of the peripheral population to the city's cultural events, as well as proposing the promotion of local cultural production through the execution of a theater workshop and artistic interventions in the Laranjeiras region.

Keywords: theater; theater in communities; theater pedagogy; cultural action.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	A minha Laranjeiras.....	10
Mapa 1:	Mapa Base de Uberlândia.....	12
Figura 2:	Lar Espírita Maria Lobato de Freitas.....	15
Figura 3:	CEU Campo Alegre.....	18
Figura 4:	Casa da Cultura.....	22
Figura 5:	SESC Uberlândia.....	24
Figura 6:	Trupe de Truões.....	27
Figura 7:	Grupontapé.....	29
Figura 8:	Uai Q Dança.....	30
Figura 9:	Cineteatro Nininha Rocha.....	31
Figura 10:	Teatro de Bolso do Mercado Municipal.....	32
Figura 11:	Teatro Grande Otelo.....	33
Figura 12:	Teatro Municipal de Uberlândia.....	34
Mapa 2:	Mapa de Uberlândia ampliado e seus pontos culturais.....	35
Figura 13:	Gisele, a princesa-borboleta.....	39
Figura 14:	Av. Continental, CEAI e Casa Lotérica.....	40
Figura 15:	Primeiro Dia da Oficina.....	49
Figura 16:	O que é cultura?.....	54
Figura 17:	Pichações corporais.....	55
Figura 18:	Visita ao Teatro Municipal.....	56
Figura 19:	Ação artística em Laranjeiras.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
I UMA ESTRADA DE DESCOBERTA E ENCANTAMENTO	10
I.I Mapeamento Cultural.....	14
II CONVERSANDO COM LARANJEIRAS E A ENTREVISTA PERFORMATIVA..	37
III PEDAGOGIA COMO ENCANTAMENTO	44
III.I Desafios para encontrar uma morada	44
III.II Oficina Teatral	46
III.III Ações Artísticas	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

Caro leitor (a), preciso lhe contar uma coisa.

Não pense mal de mim, mas antes de ingressar na universidade como licencianda, tinha aversão à ideia de tornar-me professora. Sobretudo, jamais imaginei que meu Trabalho de Conclusão de Curso um dia descreveria as minhas experiências como professora-pesquisadora. E isso de nenhuma maneira é uma crítica aos professores que tanto me ensinaram ao longo dos vinte e três anos que vivi para escrever este manuscrito. Acontece que eu acreditava piamente que não levava jeito para essa tal Licenciatura, até mesmo porque a minha idealização desde pequenina é ser atriz: viver sob os holofotes de um palco.

Não era minha intenção cursar uma graduação que me fizesse aprender sobre a escola ou sobre o ofício de ser professora; isto tudo aconteceu de forma desprezível. Um acaso do destino. Quando escolhi a opção Licenciatura, honestamente mal sabia o que a palavra significava – o que eu sabia é que queria fazer Teatro e que não poderia passar os anos de faculdade estudando integralmente, sem trabalhar, logo minha escolha foi baseada no turno e não no conteúdo, como deveria ser. Infelizmente para alunos em situações com a minha, em diversos cursos a única opção para estudar a noite é a Licenciatura.

O plano de uma garota que nem sabia o que iria estudar era, acima de todos os contratempos, tornar-se atriz. E eu tinha muita certeza do meu caminho... até que meus passos esbarraram com os passos de professores que me mostraram um novo horizonte. Um horizonte onde eu poderia cultivar o meu amor pela arte em outros seres humanos, aprendendo e ensinando na mesma medida. De repente, a tal Licenciatura que eu tanto temia tornou-se fonte de conhecimento e de afeição. E agora cá estamos nós, alguns anos depois. Eu, descobrindo cada vez mais que gosto da sala de aula e você, lendo sobre as minhas pequenas aventuras e descobertas. É realmente curioso que tenhamos chegado até aqui, mas pensando em retrospecto não vejo como poderia ser diferente. Não quando tive experiências tão marcantes nas minhas primeiras vezes visitando uma escola sob um olhar docente, quando tive contato com a pedagogia de Paulo Freire, quando li autoras como Marcia Pompeo Nogueira, Marina Marcondes Machado, Maria Lucia Pupo e diversos outros nomes que me inspiraram.

Dito isto, este manuscrito se baseia em toda a minha experiência da graduação, que culminou em dois projetos de pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Este é, na verdade, o resumo dos resultados que colhi em dois anos,

orientada pelo Prof. Dr. Henrique Bezerra de Souza. Este estudo nasceu da vontade de me aprofundar na docência quando eu sequer sabia o que – ou como – pesquisar. Meu trabalho baseou-se, a priori, no meu desejo de trabalhar teatro com adultos. Isso, somado ao fato de que a esmagadora maioria dos adultos que conheço nunca tiveram contato com fazer teatral, tampouco interesse em conhecê-lo, despertou em mim uma vontade avassaladora de *encantar*.

E, para encantar com o teatro, é preciso pôr as mãos na massa. Teatro é a arte de fazer, de estar presente, de brincar e de imaginar. Há muito tempo devaneio como seria para essas pessoas se, anos atrás, tivessem tido a oportunidade de projetar suas frustrações, sonhos e vozes na arte. Há em mim um desejo de mostrar a estes sujeitos que existe mais do que o sentimento de estranheza e vergonha quando fazemos teatro pelas primeiras vezes; que, depois que você entende que não há problema em ser ridículo e que, na verdade, é gostoso se aventurar nas ideias mais estranhas durante uma improvisação, o teatro se torna libertador, acolhedor, um lugar infinito para imaginação. No teatro não existem barreiras que não possam ser quebradas, países que não possam ser visitados ou guerras que não acabem em um simples estalar de dedos. Mundos podem ser criados e desfeitos apenas com o desligar de um interruptor.

Foi pensando nisso tudo que decidi trabalhar com adultos, para ajudar a mãe ou a avó ou o tio de alguém neste processo de redescoberta e autoconhecimento, de libertação dos padrões sociais, do medo de fazer algo ridículo.

Eu já sabia com quem e por que gostaria de trabalhar neste projeto, mas ainda faltava parte da equação. Talvez *onde* seja uma forma correta de descrever, mas não é somente sobre o local onde essa investigação seria realizada. Enquanto rascunhava as nuances da estrada que decidia tomar, fazia pouco que passara pela primeira experiência visitando uma escola, fato que aconteceu na disciplina de Projetos Interdisciplinares III (PROINTER III), coincidentemente ministrada pelo prof. Henrique Bezerra. Na disciplina, optamos que a turma visitaria uma só escola em dias alternados, acompanhando as aulas de arte ministradas ao ensino médio. A escolha final foi a Escola Estadual do Parque São Jorge, cuja professora de artes é Ana Paula Botelho, uma figura que veio a se tornar bastante querida e inspiradora para mim.

Morando no bairro vizinho ao São Jorge, o bairro Laranjeiras, fiquei feliz pela possibilidade de conhecer uma das escolas da minha vizinhança mais a fundo – e empolgada, pois, alguns de meus colegas finalmente perceberiam um pouco como é Uberlândia fora do bairro Santa Mônica, vivenciando uma escola pública num bairro afastado e com uma realidade econômica menos favorecida. Visitamos a escola algumas vezes e os comentários de meus

colegas chamaram atenção, pois eles identificavam questões graves que eram familiares e comuns a mim, como o fato de as janelas terem grades e de as portas ficarem trancadas durante o intervalo, devido ao risco de furtos. Percebi também uma certa insatisfação pela localização da escola, considerada longe para a maioria das pessoas. Isto, somado ao fato de os alunos demonstrarem a relutância típica dos adolescentes em realizar atividades mais práticas do teatro, deixaram-me reflexiva. Apesar do sentimento de revolta com as críticas que pareciam injustas para mim, parei para observar que o bairro Laranjeiras em sua completude, onde moro durante praticamente toda a minha vida, não havia mostrado facetas suas culturais.

Outras inquietações nasceram: será que existem atividades culturais em Laranjeiras? Por que será que eu não tinha ouvido falar de nenhum projeto cultural? Existiriam projetos para adultos ou para crianças e adolescentes? Seria falta de divulgação ou realmente havia uma escassez que merecesse ser investigada? As pessoas precisam sempre se deslocar para as áreas centrais para assistir algum espetáculo ou fazer alguma aula artística? Elas ficam sabendo quando há espetáculos e oficinas gratuitos? O dinheiro seria um empecilho tanto para o deslocamento quanto para o acesso em apresentações pagas?

Essas perguntas criaram meu primeiro projeto de PIBIC **“Uma Estrada de Descoberta e Encantamento: Práticas Artísticas na Comunidade e suas Relações com a Pedagogia do Teatro”**, no qual decidi responder às inúmeras perguntas mencionadas acima. Tendo crescido, convivido e estudado nas escolas da região, não tive contato ou conhecimento de atividades artísticas que acontecem aqui até ter a iniciativa de procurar ativamente por elas. Eu achava que conhecia o lugar onde moro toda a minha vida, mas bastou começar a trilhar minha estrada de descobertas e encantamento que vi que, na verdade, nunca havia realmente *olhado* para a comunidade ao meu redor.

Na busca que detalharei mais adiante, percebi que não era só a cultura de Laranjeiras que eu não conhecia – e sim que nada conhecia. Eu apenas morava aqui, sem saber da história, da identidade, das pessoas. Após leituras como “Ventoforte no teatro em comunidades” de Marcia Pompeo, em que a autora fala sobre a identidade de uma comunidade e como isso pode emergir em alguns jogos ou resultar em um espetáculo, questionei qual identidade Laranjeiras teria. Com meu segundo projeto **“Pedagogia como Encantamento: Processos Artístico-Pedagógicos em Construção no Bairro Laranjeiras”** decidi cultivar as sementes do teatro das formas que me eram possíveis.

primeira aula de teatro. Nas escolas públicas fui educada e socializada; na E. M. Sebastiana Silveira Pinto fui alfabetizada, tive aula com uma das melhores professoras da minha jornada, a querida Tia Anette, e fiz minha primeira amiga, Mariany; na E. M. CAIC Laranjeiras dei o meu primeiro beijo, tive o meu primeiro coração partido, chorei por horas olhando a lua enquanto cantava One Direction e tive o prazer de aprender com grandes mestres com o Prof. Bruno, de matemática, e a prof.^a Marli, de português. Cultivei belas amizades que duram até hoje. Recebi uma bolsa integral na escola particular SESI Guiomar de Freitas Costa para cursar o ensino médio e, por causa de toda essa trajetória, fui aprovada em Teatro na Universidade Federal de Uberlândia.

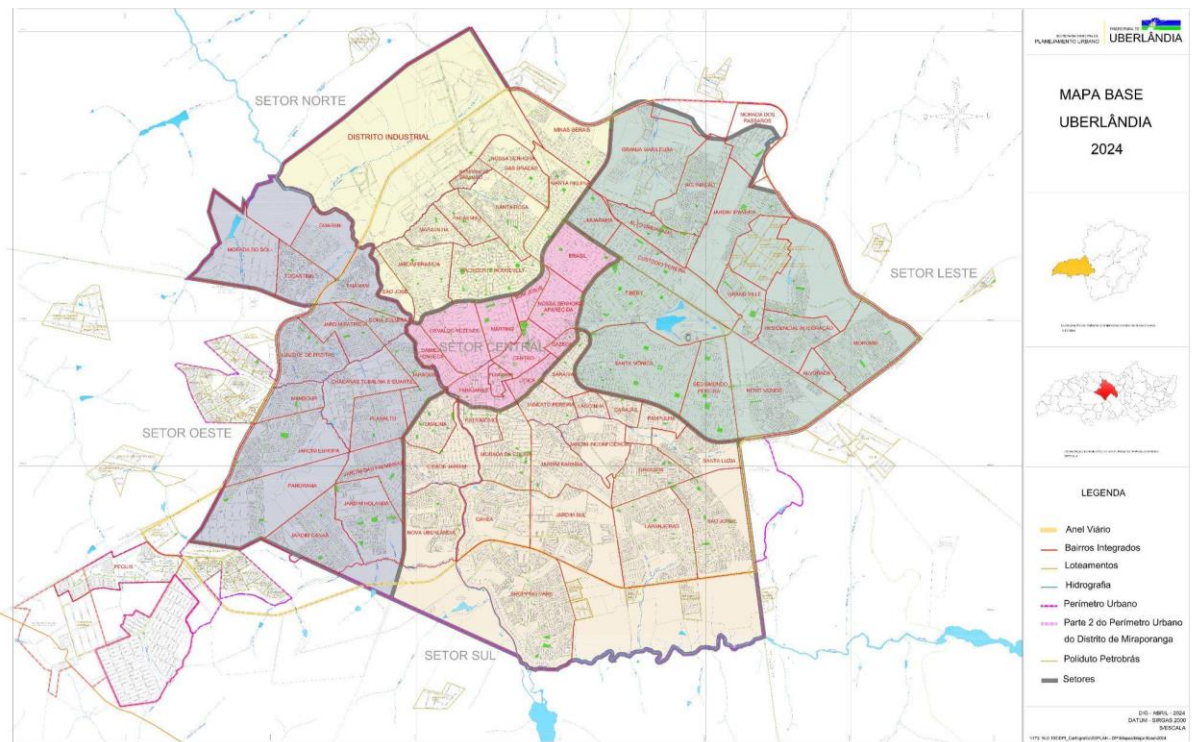
Nestas ruas, eu guardo doces memórias das noites agitadas nos circos e parques de diversão que acampavam no terreno vago em frente à casa da vovó Vanda, das balinhas que recebi escondido do meu avô Mardem, dos dias quentes nas piscinas infláveis nos quintais de familiares, dos primeiros cachorros que tive, do cheiro incomparável bolinho de chuva sendo frito e do gosto molhadinho do bolo gelado de coco que só minha mãe sabem fazer.

Sou quem sou hoje pois, treze anos atrás no sofá da minha humilde casa, assisti a um lindo filme que me dizia no âmagô que eu deveria ser atriz, que era isso que eu estava destinada a fazer. Sou quem sou hoje pois caminhei por estas ruas na escuridão da madrugada para embarcar na longa jornada de três ônibus até uma escola particular do outro lado da cidade. Aqui cresci, perdi, renasci. Estas ruas fazem mais parte de mim do que eu delas.

Todas essas memórias, cheiros e pessoas vibram e dançam pelas ruas de Laranjeiras quando penso nas pessoas que vivem ao meu redor, em arte, no significado de *casa* e de *amor*. Acredito que esse foi um dos motivos que me levaram a trazer esta pesquisa para cá. Pelo desejo de devolver um pouco à comunidade todas as belas cicatrizes e arco-íris que ganhei ao longo de vinte e três anos - que, não se engane, foram uma montanha-russa.

E esta é Uberlândia.

Mapa 1 - Mapa base de Uberlândia



Fonte: Prefeitura de Uberlândia, 2025².

Laranjeiras está localizada no setor sul de Uberlândia e seus limites encerram a cidade em alguns pontos próximos à BR-365. É um bairro grande, localizado ao lado do São Jorge e próximo ao Shopping Park, bairros mais conhecidos pela população uberlandense. Como moradora, já ouvi diversos comentários negativos sobre Laranjeiras, tanto de vizinhos quanto de visitantes, destacando majoritariamente que este é um bairro perigoso e afastado do centro. Não posso refutar nenhuma dessas afirmações, porém eu e minha família não tivemos nenhum incidente pessoal em duas décadas morando na região. Eu adoro minha casa, gosto da localização da minha rua e, compensando a sua distância da zona central, há uma quantidade surpreendente de lojas na redondeza. Mas o que existe de produção cultural e como a arte penetra na vida dos indivíduos que aqui vivem? Existe alguma identidade própria de Laranjeiras? E como me conectar não só com isso, como também com o meu público-alvo?

Uma de minhas grandes preocupações foi como atrair a atenção de uma população que, a mim, parecia tão desconectada do teatro. Vivendo em uma área marginalizada, já existia uma consciência empírica de que o teatro é uma atividade não cotidiana na vida dos meus vizinhos,

² Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/planejamento-urbano/mapas-e-bairros/>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.

assim como não era na minha até eu decidir ativamente encontrar uma forma de acessá-lo - o que aconteceu primeiro no COMUFU³ e posteriormente nas aulas para adolescentes na Trupe de Truões⁴, ambos localizados no bairro Santa Mônica. Durante a pesquisa teórica que ofereceu os alicerces para a continuidade desta artimanha, entendi, a partir dos estudos de Flávio Desgranges sobre a Pedagogia do Espectador (2003), que o afastamento que eu percebia em relação ao teatro não era equivocado: a crise teatral perdura desde 1970, quando o esvaziamento das salas tornou-se alvo de debate entre artistas e empresários graças ao avanço da televisão, que atraiu a atenção até mesmo dos atores de teatro, e também da Ditadura Militar, que impediu a produção e execução de inúmeros espetáculos e calou, de forma violenta, a liberdade artística e política antes existente.

Nos dias de hoje, pode-se dizer que a crise continua ocorrendo devido à internet e a alta concorrência de *streamings*, que facilitam o entretenimento dos brasileiros em telas que os transportam a várias realidades ainda na comodidade de suas casas. Afinal, é muito mais barato comprar a mensalidade de um *streaming* que oferece inúmeras opções de filmes e séries do que um único bilhete para uma peça de teatro, que além de ser mais cara ainda exige que você se desloque até o local - incluindo gastos com gasolina ou motoristas de aplicativo. Isto, somado ao fato de que Laranjeiras está em um setor afastado, são empecilhos para que a população acesse não só os espaços teatrais, como também a agenda cultural de Uberlândia.

Assim, como romper uma barreira que dura cinquenta anos? A maneira que encontrei foi trazer as questões sobre a identidade do meu bairro no caminhar e torná-las parte ativa da pesquisa, uma genuína preocupação em descobrir algo *sobre* Laranjeiras *com* os moradores de Laranjeiras. Durante a trajetória da graduação, deparei-me com o conceito de Teatro na Comunidade, definido por Baz Kershaw como:

Sempre que o ponto de partida [de uma prática teatral] for a natureza de seu público e sua comunidade. Que a estética de suas performances for talhada pela cultura da comunidade de sua audiência. Neste sentido estas práticas podem ser categorizadas enquanto Teatro na Comunidade (Kershaw, 1992, p. 5)

No entanto, como também estudei, existem três maneiras de fazer teatro em uma comunidade: *com*, *para* e *por* comunidade (NOGUEIRA, 2018). O teatro *com* a comunidade

³ COMUFU é um projeto realizado nos Estágios III e IV da Licenciatura em Teatro na UFU, que oferece gratuitamente oficinas teatrais à comunidade. As oficinas são criadas e ministradas pelos discentes, de forma que possam trabalhar com temas e faixas etárias de interesse.

⁴ A Trupe de Truões é um grupo teatral formado em 2002 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Desde 2009, oferece aulas de teatro para diferentes idades no Ponto dos Truões, sede do grupo; a cada semestre, as turmas compartilham suas pesquisas e encenações.

se caracteriza por uma investigação feita com o objetivo de criar um espetáculo, ligando o conteúdo e a linguagens da comunidade à cena. O teatro *para* a comunidade é, em geral, feito por artistas para comunidades periféricas sem um estudo prévio da realidade daquele local, provocando a visão de que aquele local não havia um conteúdo próprio que merecesse ser levado em consideração. O teatro *por* comunidade, influenciado por Augusto Boal, leva em consideração as pessoas da comunidade na hora da criação teatral, tornando-as parte integrante e fundamental do processo. Como aponta Nogueira:

Em vez de fazer peças dizendo o que os outros devem fazer, passou-se a perguntar ao povo o conteúdo do teatro, ou dar ao povo os meios de produção teatral. [...] O Teatro passou a ser a arena privilegiada para refletir sobre questões de identidade de comunidades específicas, contribuindo para o aprofundamento das relações entre os diferentes segmentos da comunidade que podem, através da improvisação, do jogo teatral, explicitar suas semelhanças e diferenças. O teatro seria, neste sentido, porta-voz de assuntos locais, o que poderia contribuir para expressão de vozes silenciosas ou silenciadas da comunidade. (NOGUEIRA, 2018, p. 2 e 3)

As placas sinalizadoras da estrada de descoberta e encantamento indicavam que eu deveria seguir na direção de um teatro que fosse feito *pela* minha comunidade, a partir de suas vontades, medos, dores, inseguranças, alegrias, sonhos e condições de vida. É claro que existe uma grande responsabilidade em tentar emergir a voz de um grupo de pessoas, sobretudo através de um processo de criação que deve ser colaborativo, atendendo não só as minhas expectativas de encantamento, mas também tratando de algo bem mais importante: das histórias que os moradores de Laranjeiras desejam contar.

Porém, antes de iniciar esta trajetória, era necessário averiguar cientificamente o quanto de produção cultural e teatral existia em Laranjeiras, uma vez que só a minha experiência como moradora não era o suficiente para determinar se a aparente escassez é real ou se apenas uma falta de conhecimento. Existem mesmo espaços teatrais em Laranjeiras? Onde estão localizadas as caixas cênicas de Uberlândia? Nasceu, então, o Mapeamento Cultural.

II - Mapeamento Cultural

Como em todo mapa, é preciso traçar as linhas antes de pousar a tinta no pergaminho. Para o mapeamento, fui incitada a voltar às perguntas iniciais para definir o norte deste mapa. Minhas indagações principais eram “onde estão localizados os teatros de Uberlândia, desde caixas cênicas a grupos teatrais com sede?” e “existe algum teatro que seja perto de Laranjeiras?”, pois assim seria possível refletir com os dados de um material concreto qual é a

realidade artística e teatral na qual Uberlândia está inserida, e também como esse cenário impacta o bairro em estudo.

Após uma consulta prévia dos espaços culturais da cidade, separei perguntas que considere comuns para todos os locais, como quais projetos estavam em atividade, faixa etária aceita, preços, forma de inscrição etc., e marquei entrevistas com os responsáveis. É importante frisar que as respostas deste mapeamento consideram as atividades e grupos encontrados por mim entre os anos de 2022 e 2023, quando estive em contato com as instituições.

Pareceu óbvio começar a busca pelo bairro, onde reencontrei um lugar bem perto de casa que eu já havia visitado anos antes e sabia que desempenhava um papel social ativo, mas não ao certo quais ações ou para quem. Surgiu em cena o **Lar Espírita Maria Lobato de Freitas**, uma ONG que atende crianças e adolescentes de 6 a 15 anos e 11 meses em vulnerabilidade social. As crianças são encaminhadas por escolas, Unidades Básicas de Saúde Fluviais (UBSF) ou pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e a lista de espera é longa, por isso a prioridade de vagas abrange também a renda per capita de cada família.

Figura 2 - Lar Espírita Maria Lobato de Freitas



Fonte: Elaboração própria, 2025⁵.

O Lar é patrocinado por grandes instituições: a Algar Telecom já financiou visitas ao Teatro Municipal e está em contato constante com os administradores; o Sesc Uberlândia

⁵ Compilação de imagens elaborada a partir de acervo pessoal da autora.

permitiu a entrada dos funcionários do Maria Lobato em sua festa junina de 2022 para venda de barraquinhas de comida a fim de ajudar na arrecadação de dinheiro e o Grupo Emcantar possui projetos fixos na instituição, patrocinados também pela Algar, que trazem para as crianças brincadeiras, jogos, música e contação de histórias.

Estes eram os projetos principais do Emcantar que estavam ativos no Maria Lobato: o Dedo de Versos, que trabalhava a literatura a partir da produção de textos e de músicas autorais por parte dos alunos e, às vezes, inseriam pequenas encenações nas criações, o que os levou a se apresentarem no Teatro Nininha Rocha (Centro) e no CEU Campo Alegre (bairro São Jorge); o Cultura do Brincar dedicava-se a cantigas populares e brincadeiras que concebiam apresentações – este grupo de crianças já se apresentou no Nininha Rocha, na Escola Miltão Porto (bairro Segismundo Pereira), na Escola Domingos Pimentel (bairro Santa Mônica) e na instituição filantrópica Ação Moradia (bairro Morumbi); e, por fim, o Cine Olhar, responsável por produzir roteiros de filmes e escritas autorais que eram posteriormente gravados de forma independente e trabalhavam o conceito de figurinos, cenários e afins. As produções do Cine Olhar também eram expostas ao público, conforme me contou a coordenadora do local, Silene Aparecida de Oliveira Moreira, durante a entrevista que realizei no Lar, em dezembro de 2022; quando conversamos, a última apresentação do grupo havia sido na Casa da Cultura (bairro Fundinho).

Quando questioneei sobre projetos de cunho teatral, Silene revelou que não havia projetos específicos em teatro no Maria Lobato, apesar de trabalharem coisa ou outra nas apresentações e nos projetos do Emcantar. No entanto, durante pesquisas virtuais, eu havia encontrado poucas menções sobre um grupo chamado Iluminarte, que ela tratou de esclarecer que pertencia ao Centro Espírita e foi desconstituído devido ao afastamento do membro mais ativo do grupo. No site do Iluminarte, cujas últimas atualizações são datadas no ano 2010, na página “Quem Somos”, o grupo se descreveu como um “departamento do Lar Espírita Maria Lobato de Freitas, situado em Uberlândia - MG. Os objetivos da Cia são: Contribuir para elevação espiritual dos integrantes através do estudo da Doutrina Espírita; Divulgar o Evangelho de Jesus, o Espiritismo e seus princípios através das artes cênicas; E permitir o contato da comunidade com o teatro através da implantação de grupos” (ILUMINARTE, 2010).

Posteriormente ao período da entrevista que fiz com o Lar, tomei conhecimento da participação do Instituto Alexa, que realiza programas musicais gratuitos, ensinando jovens a

tocarem instrumentos e comporem orquestras que são apresentadas no Teatro Municipal de Uberlândia.

A visita ao Lar Maria Lobato levou-me então ao **Grupo Emcantar**, uma companhia cultural sem fins lucrativos que nasceu no ramo musical e expandiu-se como grupo artístico. Em comum com minha pesquisa, o objetivo dos integrantes é encantar – daí o trocadilho. A partir de uma expansão surgiu também o Emcantar Social, cuja proposta é propiciar gratuitamente às crianças e adolescentes a experiência de aprender brincando em meio às linguagens artísticas; possui projetos específicos para Música, Artes Cênicas e Literatura. O projeto de Artes Cênicas atende crianças e adolescentes de 06 a 16 anos e no site é descrito da seguinte forma: “teatro exercita a cidadania por meio do desenvolvimento do protagonismo, onde vivenciam-se jogos teatrais, convívio em grupo, e desenvolvimento de potenciais” (EMCANTAR, 2023).

Conforme descobri no Lar, o Emcantar escreve projetos que são aprovados pela prefeitura e/ou por um patrocinador e assim pode ministrar oficinas e organizar as apresentações no Lar Espírita e em outros espaços nos quais possuem parceria, como a Comunidade Casa Tubalina, o ABC do Glória, entre outros. No site do grupo, há vídeos sobre os projetos que mostram um espaço físico que continha cenas dos alunos durante atividades, porém, em conversa com uma das administradoras do grupo, Ioleides Cabral, fui informada que o espaço que eles tinham em parceria com o Instituto Algar foi fechado devido a pandemia. Até o último contato que tive, em 2023, não havia sido reaberto e o único local físico próprio do grupo era uma sede administrativa em Araguari, cidade localizada ao lado de Uberlândia.

A próxima parada foi no **CEU Campo Alegre**, bem ao lado de Laranjeiras, no bairro São Jorge. Os CEUS são Centros de Artes e Esportes Unificados e localizei dois em Uberlândia: o Campo Alegre e o Shopping Park. Estes espaços fazem parte de uma iniciativa da Prefeitura para ampliar o acesso dos moradores de bairros mais afastados, como o São Jorge e o Shopping Park, às iniciativas culturais. Nos CEUS, tecnicamente, existem aulas de vôlei, basquete, futsal, ginástica funcional, jazz, dança de rua, balé clássico, capoeira, teatro e musicalização. Todas as aulas são gratuitas, contando com turmas para crianças e adultos.

O **CEU Pai Nego** (no bairro Shopping Park) funciona de forma regular e tem adesão significativa do público, apesar da rejeição que teve inicialmente, como contou Ana Maria Resende, coordenadora do CEU Pai Nego e do Teatro do CEU Campo Alegre. No CEU Pai Nego há uma boa biblioteca, um palco de teatro, trabalho de contação de histórias e a maioria

das oficinas ativas. Ana Maria conta que, no início, o público do Shopping Park era resistente, mas com o trabalho contínuo que ela e sua equipe tem para aproximar moradores e crianças através da divulgação local e criação de vínculo com a comunidade, a adesão tem melhorado gradualmente. Infelizmente, o mesmo não acontece no bairro São Jorge.

Figura 3 - CEU Campo Alegre.



Fonte: Elaboração própria, 2023⁶.

O primeiro problema que se vê no CEU Campo Alegre é a localização: a última rua do bairro São Jorge, de frente a um vasto terreno vazio que separa o bairro do anel viário. Isso, somado ao fato de que os arredores não são conhecidos pela maior segurança que a cidade pode oferecer, dificultam o acesso e participação do público. Em minha visita, pude ver diversos sinais de depredação e Ana Maria confirmou que os casos estavam aumentando, na época. Ela também relatou que a última oficina ocorreu antes da pandemia e foi de balé para crianças; as outras oficinas ofertadas não tiveram inscrições suficiente de público para iniciarem-se as aulas - e isso acontecia desde antes da pandemia, sem que a equipe tivesse indícios de mudança. Então, as oficinas foram canceladas no bairro São Jorge.

O teatro do local, muito bem equipado com camarim, dois banheiros e sala de equipamentos, recebe poucas apresentações e fica fechado durante a maior parte do tempo. Os artistas costumam se apresentar lá através de leis de incentivo como o Programa Municipal de

⁶ Compilação de imagens elaborada a partir de acervo pessoal da autora.

Incentivo à Cultura (PMIC) e de contrapartidas sociais, embora para reservar o espaço seja necessário somente enviar um e-mail para a coordenação. Além de ter uma localização afastada da cidade, as divulgações oficiais alcançam muito pouco do que a capacidade do teatro pode abarcar. Dos 123 lugares disponíveis, Ana Maria expôs que, várias vezes, menos de 5 pessoas foram assistir aos espetáculos que aconteciam no CEU Campo Alegre. Com pesar, ela contou das dificuldades que tem para atrair o público do bairro, ainda resistente em frequentar as ações culturais que se tornam cada vez mais escassas, e que seu maior parceiro em termos de públicos é uma escola que fica ao lado do espaço e que ela sempre convida para as apresentações, a fim de não deixar a casa vazia.

No entanto, o fato de o CEU estar distante dos pontos principais do bairro e estar sendo vandalizado não são as únicas explicações para que as oficinas e apresentações no teatro estejam vazias. Foi durante essa visita que descobri o que veio a ser um dos maiores obstáculos que encontrei durante o mapeamento cultural: os eventos da Prefeitura, como as oficinas e apresentações, podem ser divulgados apenas via site da Prefeitura. Isso significa que os espaços não podem divulgar suas próprias ações de maneira independente em redes sociais, como Instagram ou Whatsapp. Quando conversamos, recentemente tinha-se aberto a exceção para o Facebook, mas outras redes sociais ainda estavam banidas de divulgação.

Apesar da burocracia, existe um esforço por parte dos coordenadores em expandir as divulgações por canais como o WhatsApp, de forma pessoal e não oficial, com codinomes como “Amigos do [nome espaço]”. Ainda assim, é fato que o conhecimento da comunidade uberlandense sobre a boa parte das ações gratuitas que ocorrem nos locais públicos da cidade, sobretudo em periferias como Laranjeiras e São Jorge, é severamente limitado; afinal, mesmo que o site da prefeitura fosse frequentado por boa parte da população, o que eu não acredito que seja, a Prefeitura é responsável por divulgar o serviço de mais de vinte Secretarias e, no site, não encontrei uma aba destinada para a exposição dos eventos culturais em vigência no momento. No final das contas, a divulgação vem a ser à moda antiga, no velho boca a boca.

Esse problema foi tema principal em uma reunião que consegui com Mônica Debs Diniz, Secretária de Cultura e Turismo de Uberlândia, realizada no Centro Municipal de Cultura no dia 3 de março de 2023. A secretária, quando questionada sobre a divulgação dos espaços em redes sociais, afirmou que a Prefeitura autorizou a criação de apenas um perfil na rede social Facebook para o Centro Municipal de Cultura, que estava sendo criado na época de nossa entrevista, pois a Secretaria de Comunicação não permite que existam páginas ou sites

individuais para cada secretaria ou espaços municipais. Isso se deve à necessidade de o poder público trabalhar enquanto uma unidade, sendo a Secretaria de Comunicação o único órgão responsável pela divulgação das ações de todas as ramificações da Prefeitura. Caso contrário, ela observou, cada pessoa divulgaria o que quisesse da maneira que bem entendesse.

Sendo esta a realidade, uma estratégia alternativa encontrada para divulgação foram os Totens, painéis digitais interativos posicionados em pontos estratégicos da cidade como museus, rodoviária, Casa da Cultura, Mercado Municipal etc., cujo objetivo é fornecer informações de cunho turístico e cultural; pelos totens, é possível elencar quais são as principais pesquisas da população, uma vez que o aparelho é sensível ao calor e permite o rastreo dos tópicos de interesse através dos pontos mais tocados na tela. Outra tática mencionada foi a criação de uma página do Instagram para o Centro Municipal de Cultura, destinado a divulgar todas as ações da Secretaria de Cultura, de forma a assumir a comunicação dos espaços sem permitir que façam isso autonomamente. Mônica também reafirmou a fala de Ana Maria quanto à divulgação feita em grupos de redes particulares dos servidores públicos, mencionando a existência de grupos de WhatsApp dos frequentadores dos CEUS, dos seguidores da Secretaria, da Casa da Cultura, entre outros mais.

No entanto, já ao final do período da vigência do primeiro ano de pesquisa, em outubro de 2023, constatei a existência de perfis no Instagram para o Teatro Nininha Rocha e para o Teatro Municipal, além da já mencionada por Mônica para o Centro Municipal de Cultura. Este fato mostra-se positivo para a divulgação dos espaços, uma vez que a utilização das redes sociais é frequente e o compartilhamento dos eventos nestas páginas impulsiona o número de espectadores e frequentadores dos espaços culturais. É interessante observar também que, apesar da criação dos perfis citados acima, a Casa da Cultura, a Oficina Cultural e ambos os CEUS não possuem perfis oficiais próprios, sendo as únicas páginas intituladas como “Amigos do [nome do espaço]”, explicitando seu caráter informal para compartilhamentos.

Nossa conversa, gravada em áudio, continuou abordando este tópico:

Giovanna: “Uhum... É, a questão é que a maioria dos outros espaços, fora o teatro municipal que já é muito conhecido, então a Casa da cultura, os CEUS, eles têm uma divulgação principalmente no site da prefeitura e aí uma outra suposição [minha] é que as pessoas não entram tanto no site da prefeitura para verificar a programação”

Monica: “Mas é o site oficial! Eu sinto isso também, tanto que o instrumento que a gente criou aqui foi de compartilhar nas nossas redes.”

Giovanna: “Eu acho que o Facebook vai ajudar bastante.”

Mônica: “Acho que vai, mas acho que hoje o povo não gosta muito de *Face* não... O povo é mais do Instagram.”

Giovanna: “O Instagram ia ser melhor né, mas já é um começo.”

Mônica: “É mais imediato, mas nós ainda vamos conseguir [o acesso ao Instagram].”

Giovanna: “Porque a Secretaria de Comunicação divulga né, na página da prefeitura.”

Mônica: “Divulga, mas é pouco. [...] Porque eles divulgam 25 secretarias e 5 autarquias, a gente fica no “bolo”.”

Questionada sobre as estratégias de fomento para atrair o público aos CEUS, ela relatou que existe uma pesquisa no bairro para ver quais programas e oficinas o bairro deseja receber; este trabalho é executado através do grupo de WhatsApp composto de usuários dos CEUS e gerenciado por um agente responsável; através desta ferramenta também são feitas pesquisas de satisfação a respeito das oficinas anteriores e estes dados são repassados para análise na Secretaria de Cultura. Após essa sondagem, contrata-se as pessoas para ministrar as oficinas de acordo com o resultado fornecido pela comunidade local.

Quando perguntei sobre a escolha do local para construção do CEU Campo Alegre, explicitando a distância do restante do bairro e o fato de ficar de frente a um terreno baldio próximo à rodovia, Mônica alega que não sabe quem foi o responsável pela designação do espaço. Segundo a secretária, o projeto consistia em duas praças a céu aberto e foi apresentado em 2011 no Ministério da Cidadania em Brasília, aprovado ainda na gestão do Prefeito Odelmo Leão em 2012, no qual ela atuava como Secretária da Cultura; porém o recurso financeiro foi liberado na época do Prefeito Gilmar Machado e quem edificou e aplicou o recurso foi a gestão do prefeito; portanto, ela não soube dizer o porquê de estar nesse lugar, visto que não atuava como Secretária na época:

Mônica: “Na minha lógica, não estou te afirmando, é que ali existia um núcleo grande de moradores sem teto, então tentaram levar aquele equipamento social para atender a demanda daquela população. Ali era um assentamento, ainda é né.”

Mônica relata a resistência da comunidade para se apropriar do CEU Campo Alegre e entender que aquele é um espaço público que pode ser acessado e que, quando ofereceram oficinas de balé e de flauta, as crianças não tiveram interesse. E, nesses casos, os projetos das oficinas são abandonados. Quando questionei se a iniciativa tinha sido bem divulgada, ela afirmou que sim.

Mônica: “Difícil né, é difícil. Eu acho que primeiro um balé não é a realidade deles, não é a linguagem deles. Uma dança de rua é. Os pais que trabalham o dia inteiro, chegam em casa já cansados para levar seus filhos. Acho que são uma série de circunstâncias, não é uma coisa só [...] Mas eu não desisto, eu continuo insistindo.”

E continua:

Mônica: “Dos projetos de escola, eu às vezes chego a ter 8 sessões diárias no Teatro Municipal, em cada sessão atendendo 800 crianças. Isso não é brincadeira. Quer dizer, o que é a minha expectativa: as crianças vão gratuitamente, assistem bons espetáculos, chegam em casa e multiplicam isso pros seus pais que nunca tiveram oportunidade de ir. Isso eu acho que é a maior divulgação que existe no mundo, que rede social nenhuma vai superar.”

Por fim, nossa entrevista encerrou com o tópico de eventos continuados oferecidos pela Secretaria de Cultura: o Festival de Dança, realizado todos os anos no Teatro Municipal, e o Festival de Jazz, oferecido em praça aberta no bairro Fundinho. Não existe nenhum evento teatral promovido pela Prefeitura de Uberlândia que tenha se tornado continuado, isto é, tenha acumulado edições ao longo dos anos. Mônica Diniz reiterou que todos os eventos da Secretaria são de cunho gratuito e abertos a toda comunidade de Uberlândia.

Figura 4 - Casa da Cultura



Fonte: Elaboração própria, 2023⁷.

Outra de minhas paradas foi na **Casa da Cultura**. Patrimônio Histórico Municipal, a Casa da Cultura foi construída no início dos anos 1920 e já foi, respectivamente, moradia, casa de saúde, delegacia regional de polícia e superintendência regional da fazenda até que, em 1984, foi doada ao município para assim tornar-se o que é hoje. Atualmente, abriga exposições de arte e recebe com frequência recitais de música, workshops, lançamento de livros e masterclass. Conversando com Ana Cláudia Souza, administradora da Casa, fui informada que não existem

⁷ Compilação de imagens elaborada a partir de acervo pessoal da autora.

apresentações de dança e teatro no local devido ao piso, muito frágil, que não pode ser danificado, afinal o espaço é um patrimônio tombado.

O local conta com obras de Tarcila do Amaral, Alfredo Volpi, Maciej Babinski e outros artistas renomados, além de uma sala exclusiva com artefatos da primeira musicista diplomada de Uberlândia, Cora Pavan Capparelli. O espaço também possui um salão nobre que abriga até 35 pessoas e é onde acontecem as apresentações musicais, além de salas menores para exposições e um andar térreo que possui um grande projetor histórico de cinema, os alicerces originais do casarão, fotos antigas da história de Uberlândia, os quadros mais famosos que a casa abriga e uma sala destinada do NUPE, o Núcleo de Pesquisa em Pintura e Ensino, uma parceria da Casa com a UFU.

Quando perguntei sobre projetos continuados, ou seja, que sempre acontecem na Casa da Cultura, Ana Cláudia contou que existe o projeto Encantos, oferecido pela musicista Maria Célia e fomentado pelo PMIC, evento fixo há mais de 5 anos que oferta recitais, workshops e masterclass. Fui informada que o evento cresceu tanto que algumas vezes não suporta todas as pessoas interessadas.

Apesar deste ponto positivo, movida ainda pela questão de divulgação precária dos espaços públicos, continuamos conversando e chegamos ao fato de que a maior procura de visitas é por parte de estrangeiros; os uberlandenses, em geral, não costumam frequentar o local. Com certa vergonha, tive que admitir que eu, nascida e criada em Uberlândia, nunca tinha pisado naquele belo lugar e nem ao menos sabia do que se tratava.

Outra visita foi o **SESC Uberlândia**. O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma instituição que visa proporcionar bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores do comércio, do turismo e do ramo de serviços. Com serviços de academia, acupuntura, fisioterapia, quadras esportivas, salas de dança e de música, atendimento pedagógico, galeria de arte e mais, o SESC tem uma estrutura que atende cultura, esportes e saúde. Para participar dos projetos, precisa-se ser um cliente SESC.

Em minha visita à sede de Uberlândia, conversei com Henrique José Pareja Filho, analista de cultura do SESC. Ele me informou que qualquer pessoa pode ser um cliente SESC, sem restrições para os que não pertencem ao setor do comércio.

Figura 5 - SESC Uberlândia



Fonte: SESC Uberlândia. 2017⁸.

Um dos pontos mais positivos que ele apontou é que não se precisa pagar nada, a não ser que haja matrícula em alguma aula pagante; no entanto, 33% das aulas são gratuitas devido ao Sistema S, inclusive os cursos de arte e cultura. Os outros cursos variam de R\$50 a R\$128 mensais - valor que, na época da entrevista em fevereiro de 2023, estava bem abaixo do mercado -, para proporcionar melhor assistência ao público, conforme relatou Henrique. Como o SESC é um serviço criado para comerciantes, este público ainda tem 35% de desconto nas ações.

Na área de Arte e Educação, o SESC possui, segundo o seu site, “conteúdos e experimentações artísticas e de modo descentralizado, conta com ações multitemáticas e instrutores capacitados para desenvolver a habilidade, sensibilidade, autonomia e percepção crítica dos participantes, enquanto inspira ações inclusivas para todos os públicos. As atividades também podem ser realizadas em parceria com outras ações na própria cidade – feiras, festivais, eventos culturais e empresas” (SESC, 2025).

Dentre os projetos continuados da instituição há o Palco SESC, que ocorre todos os meses e abrange literatura, teatro, circo, dança e música; a Arte da Palavra são oficinas e apresentações artísticas ligadas a Literatura que ocorrem duas vezes ao ano; o SESC

⁸ Disponível em: <<https://maps.app.goo.gl/Z9ut2TFaR2x2uMY6>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

Dramaturgias promove oficinas e palestras voltadas para profissionais do teatro, da dança e do circo com o objetivo de fomentar o intercâmbio artístico, a experimentação e os espaços de formação; o Sonora Brasil acontece uma vez ao ano, apresentando ao público músicas de diversos formatos; o Projeto Parede expõe nos corredores do SESC obras de artes visuais de forma entre três e quatro vezes ao ano, transitando-as entre as unidades de Minas Gerais; o SESC Movimenta proporciona cursos, workshops, rodas de conversas, intervenções de arte e trocas de experiências entre pessoas de todas as idades e ocorre duas vezes ao ano.

No entanto, o carro-chefe da entidade é o Palco Giratório, projeto do SESC a nível nacional que acontece duas vezes ao ano, oferecendo ao público apresentações de artistas de diversos lugares do Brasil e, ao mesmo tempo, aos artistas a oportunidade de intercâmbios entre si. Os grupos teatrais uberlandenses têm a chance de se inscrever e, se aprovados, apresentarem-se pelo país – como aconteceu com a companhia teatral Trupe de Truões. Em 2022, o Palco Giratório chegou em Uberlândia de forma online no canal SESC Minas e presencialmente, na sede da Trupe de Truões, no teatro Nininha Rocha e no próprio SESC Uberlândia.

Além disso, também existem os cursos livres de balé, dança contemporânea, dança urbana, viola caipira, violão, teclado e coral para idosos. Não existia um curso livre específico para teatro no momento, conforme contou Henrique. É importante ressaltar que os projetos acima citados são realizados periodicamente, como eventos, enquanto os cursos livres possuem aulas continuadas durante meses. Ao final da descrição desta longa lista de ações continuadas, o analista de cultura do SESC reafirmou que a maioria destes projetos são gratuitos, pois os cursos de arte e cultura costumam não ser pagos.

O SESC Uberlândia tornou-se um dos Polo de Cultura de Minas, fator que possibilitará um aumento na quantidade de projetos, sobretudo naqueles que ainda não existem em Uberlândia. Apesar disso, também ouvi de Henrique que o público uberlandense é difícil de engajar, embora grande parte dos eventos sejam abertos à comunidade e os valores cobrados sejam simbólicos, na faixa de R\$10. Em nossa conversa, mesmo com a divulgação realizada pela empresa na televisão e nas redes sociais, não se consegue alcançar pessoas de todas as partes da cidade. Este é um dos motivos pelos quais realizam-se tantas parcerias com grupos culturais da cidade e com espaços públicos e privados, tais como os Teatro Nininha Rocha e Municipal, a praça Clarimundo Carneiro, o Uberlândia Shopping, entre outros. A diretriz principal é de que a maioria dos eventos aconteça no próprio SESC, porém um dos fatores

limitantes é que eles não possuem caixa cênica para realizar apresentações teatrais, por exemplo.

Quando questionei se havia dados sobre os bairros onde os frequentadores do SESC moram, Henrique prontamente mostrou as contagens que tinha em seu sistema. A lista abaixo consta os bairros em que o número de clientes SESC era mais numeroso em 2023, organizado em ordem decrescente:

- Santa Mônica: 519;
- Aparecida: 182;
- Nossa Senhora Aparecida: 150;
- Centro: 134;
- Tibery: 113;
- Segismundo Pereira: 106;
- Saraiva: 101;
- Shopping Park: 100;
- Brasil: 90;
- Cazeca: 86;
- Alto Umuarama: 84;
- Presidente Roosevelt: 73;
- Osvaldo Rezende: 57;
- Bom Jesus: 56;
- Jardim Patrícia: 54.

É necessário frisar que estes dados apontam somente uma análise quantitativa proveniente do cadastro de bairros, não tendo relação alguma com a quantidade de práticas artísticas ou esportivas. Sendo assim, não é possível traçar um paralelo que demonstre quantas destas pessoas praticam esportes, artes ou ambos. Também é importante mencionar que não são estes todos os bairros contidos no banco de dados do SESC, somente onde se concentram a maior parte dos clientes.

Além disso, apesar da riqueza que esta listagem oferece para a nossa pesquisa, comprovando grande assiduidade oriunda dos bairros mais centrais de Uberlândia, tais como o Centro, o Nossa Senhora Aparecida e o Santa Mônica - uma vez que o SESC também se localiza em um ponto central da cidade -, os bairros São Jorge e Laranjeiras não aparecem nessa lista. É possível aferir que, quanto mais afastados do bairro Nossa Senhora Aparecida, onde o SESC

está sediado, menos integrantes por bairro. Isto demonstra-se igualmente verdadeiro nas informações coletadas dos bairros Laranjeiras, São Jorge e São Gabriel, três localidades da periferia sul de Uberlândia:

- Laranjeiras: 35;
- São Jorge: 33;
- São Gabriel: 2.

Como dito anteriormente, não é possível aferir que destes 35 clientes vindos de Laranjeiras, algum deles pratique alguma ocupação cultural. No entanto, é notável a discrepância entre os bairros Laranjeiras e Santa Mônica, por exemplo.

Continuando a busca, dentre os grupos teatrais da cidade, os que destaquei foram a Trupe de Truões e o Grupontapé. A **Trupe de Truões** é um grupo teatral uberlandense fundado por ex-estudantes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pelo diretor Paulo Merísio no ano de 2002, acumulando mais de 20 produções teatrais e espetáculos.

Figura 6 - Trupe de Truões



Fonte: Trupe de Truões, 2025⁹.

Além do trabalho como grupo teatral, os Truões possuem também uma escola de teatro particular cujo público são crianças a partir dos 6 anos, jovens e adultos; as classes são divididas por faixa etária e os temas abordados e investigados pelos alunos surgem, geralmente, de seus

⁹ Disponível em: <<https://trupedetruoes.com.br/ponto-dos-truoes/>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

próprios interesses e inquietações. A sede do grupo, localizada no bairro Santa Mônica, possui uma caixa cênica equipada com aparatos de iluminação e sonoplastia e abriga tanto as aulas da escola livre quanto espetáculos de diversos tipos e companhias.

Ao final de cada semestre, os trabalhos da escola livre são apresentados na Mostra de Investigações Teatrais, visando compartilhar e debater os processos artísticos. A escola também conta com oficinas teatrais, cujos resultados são igualmente compartilhados na Mostra. Há também os Núcleos de Pesquisa, voltados para três vertentes diferentes: Jovens, Palhaços e Melodrama.

Já faz alguns anos que os maiores projetos do grupo giram em torno do Casa Aberta, um programa amplo que se divide em várias categorias, que “tem como objetivos principais fortalecer a prática de artistas e grupos nas áreas da criação e gestão cultural, da ocupação e programação de espaços culturais, da realização de mostras e valorização da produção local” (TRUPE DE TRUÕES, 2025).

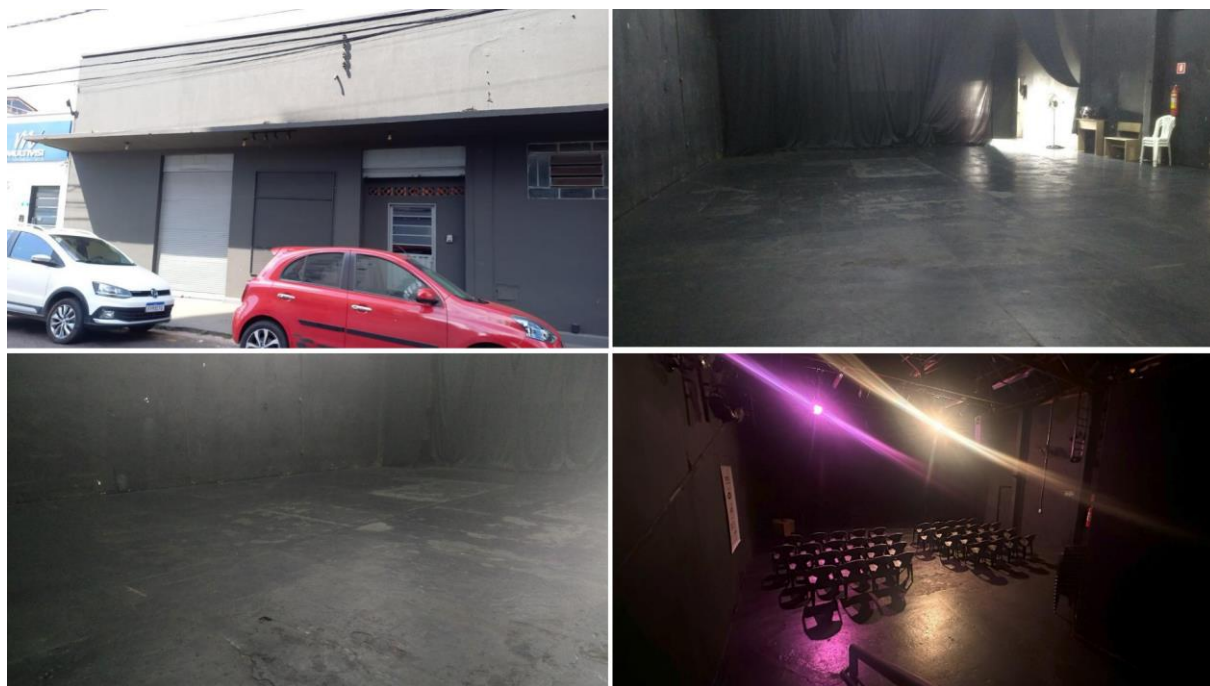
O programa está intimamente conectado com o Ponto dos Truões, sede da Trupe que também funciona como espaço cultural – e pode ser alugado ou receber artistas em eventos e projetos patrocinados, pois possui uma caixa cênica bem equipada. As principais vertentes do Casa Aberta são: a Mostra de Investigação Teatral; a Mostra de Cinema, que apresenta obras audiovisuais de Uberlândia e região, principalmente as obras produzidas de forma independente; a Mostra de Teatro, muito semelhante à de cinema, mas com conteúdo teatral; o Encontro Casa Aberta Gestão de Grupos e Espaços Culturais, que convida grupos e artistas a debaterem e compartilharem suas experiências sobre criação, produção e gestão de coletivos, oficinas e afins; e a montagem e apresentação de espetáculos. Além disso, a maioria de suas apresentações e espetáculos possuem preços populares, isto quando não são feitos por Contribuição Espontânea, na qual a pessoa pode contribuir com o valor que julgar pertinente pelo serviço ou que puder pagar.

O **Grupontapé** é um dos mais antigos e conceituados grupos teatrais de Uberlândia, com uma longa estrada de espetáculos desde sua criação, há 30 anos atrás. Sua sede, tombada como Patrimônio Cultural de Uberlândia, está no bairro Nossa Senhora Aparecida e, assim como a Trupe de Truões, conta com uma caixa cênica equipada com aparatos para iluminação e sonoplastia.

Atualmente, o grupo tem exercido suas atividades com foco principal no teatro aplicado, isto é, apresentando cenas em contextos empresariais, mas também gerencia seus próprios

projetos e na produção de festivais, alguns já renomados na cidade, como o Cenas Curtas, além de efetuar parcerias com outros artistas que utilizam o espaço para se apresentarem. Anteriormente à pandemia, mantinham uma escola livre de teatro, por onde muitos dos atores de Uberlândia já passaram como alunos ou professores, mas foi fechada devido a questões estruturais que precisam ser resolvidas no espaço.

Figura 7 - Grupontapé



Fonte: Acervo do Grupontapé, 2025¹⁰.

Conforme divulgado em redes sociais, é possível observar que existem ações culturais que se estendem até as áreas periféricas da cidade, como uma apresentação de Balaio Popular promovido no bairro Laranjeiras, na Paróquia Matriz Nossa Senhora Guadalupe. Outras apresentações do grupo foram agendadas para bairros como Planalto, Lagoinha, Dom Almir, Tocantins, Jardins das Palmeiras, Segismundo Pereira e Patrimônio – demonstrando que, apesar de estarem bem localizados na região central, há um esforço em habitar também outros bairros, sobretudo os periféricos, como Laranjeiras e Dom Almir.

O Palco de Arte | Uai Q Dança possui grande relevância para o cenário cultural da cidade, além de também possuir uma caixa cênica que comporta 100 pessoas, anexada ao Studio Uai Q Dança. O grupo de dança foi fundado em 1990 sob a direção de Fernanda Bevilaqua e desenvolve trabalhos de pesquisa e criação em dança contemporânea. O Palco de Arte foi inaugurado em 1998 e já recebeu incontáveis artistas nacionais e internacionais, sendo um dos

¹⁰ Compilação de imagens elaborada a partir do acervo pessoal do Grupontapé.

principais pontos de apresentação de espetáculos na cidade, uma vez que o local pode ser reservado. Sua sede está localizada no bairro Fundinho.

Figura 8 - Uai Q Dança



Fonte: Uai Q Dança, 2025¹¹.

Mapeando os teatros da cidade, encontrei-os bem perto uns dos outros. O **Cineteatro Nininha Rocha**, localizado no Centro, foi inaugurado recentemente após o Fórum de Uberlândia ser realocado e o local passar por reformas para se tornar o Centro Municipal de Cultura.

O teatro está localizado no subsolo, possui 132 lugares e 6 lugares para pessoas com deficiência e usuárias de cadeira de rodas. Segundo o site da Prefeitura, “para utilizar o espaço, é necessário pagar o preço público de uso. Para espetáculos locais e regionais, o valor corresponde a 5% da bilheteria ou mínimo de R\$200. Já para grandes produções nacionais e internacionais o valor é de 10% da bilheteria ou mínimo de R\$400” (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2022). As inscrições para utilização são feitas via Edital da Prefeitura.

¹¹ Disponível em: <<https://www.uaiqdanca.com/palco-de-arte>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

Figura 9 - Cineteatro Nininha Rocha



Fonte: Prefeitura de Uberlândia, 2025¹².

O **Teatro de Bolso do Mercado Municipal** é um espaço destinado para shows musicais, apresentações teatrais, exibições de filmes, exposições de artes visuais e performances. O Mercado Municipal foi inaugurado em meados da década de 40 e foi reformado em 2009, quando criaram o espaço vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, que organiza os eventos do local. Em suas instalações, há uma Galeria de Arte de 84m² com capacidade para 300 pessoas, destinado para exposições de artes visuais e plásticas.

O Teatro de Bolso, por sua vez, abriga palestras, ensaios, exibições de filmes, reuniões e apresentações artísticas de dança, música e teatro, tendo capacidade para 100 pessoas. O Terraço do Mercado também pode ser utilizado para apresentações e ações de diversos tipos. De acordo com o site da Prefeitura, “de forma gratuita, é possível reservar o espaço para atividades sem público, como ensaios e gravações, seguindo todas as normas de biossegurança” (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2021).

¹² Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2024/11/06/inscricoes-para-uso-do-cineteatro-nininha-rocha-no-1o-semester-de-2025-seguem-abertas/>> e <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2023/07/17/prefeitura-inicia-servicos-de-melhorias-no-cineteatro-nininha-rocha/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

Figura 10 - Teatro de Bolso do Mercado Municipal



Fonte: Prefeitura de Uberlândia, 2025¹³.

Atualmente abandonado e sem uso, o **Teatro Grande Otelo** foi construído em 1966, na época como o cinema Cine Vera Cruz e sua localização no bairro Nossa Senhora Aparecida foi um avanço para população, pois os espaços de cultura e lazer estavam localizados mais ao centro da cidade.

“A construção do cineteatro na Vila Operária, associada às intervenções urbanas e paisagísticas em seu entorno, simbolizou o progresso e a sofisticação na cidade em crescimento. Foi transformado em teatro em 1985 e, em 1992, passou a receber o nome atual em homenagem ao famoso artista uberlandense Grande Otelo” (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2023). O teatro foi tombado como Patrimônio Cultural de Uberlândia em julho de 2019 e está aguardando reformas para ser restaurado e aberto ao público.

¹³ Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/espaco-cultural-do-mercado/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

Figura 11 - Teatro Grande Otelo



Fonte: Prefeitura de Uberlândia e G1, 2025¹⁴.

O **Teatro Rondon Pacheco**, segundo Antônio Pereira, ex-secretário Municipal de Ação Social, em uma crônica escrita para o jornal Diário de Uberlândia, foi construído nos anos 1960, sendo o primeiro espaço construído em Uberlândia para ser, realmente, um teatro – embora ele não tenha sido criado com esse objetivo, mas sim como espaço cultural para a Escola Bueno Brandão. Naquela época, conta Antônio, só havia os cineteatros, casas construídas para serem cinema e eventualmente teatros (DIÁRIO DE UBERLÂNDIA, 2021) [3]

Infelizmente, não consegui achar matérias ou notícias que informem da quantidade de lugares do teatro, mas já o frequentei quando pequena e me recordo de que ele não era demasiado grande, tendo um formato mais intimista. O Rondon Pacheco foi fechado devido a problemas notificados pelo Corpo de Bombeiros e passou por reformas para se adequar às normas de segurança e ser devolvido à Escola Bueno Brandão, sendo usado somente pelos alunos e não mais aberto ao público, como antigamente.

Arquitetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 2012, o **Teatro Municipal de Uberlândia** possui 781 lugares (incluindo cadeiras especiais com acessibilidade) e um palco

¹⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2023/10/08/apos-12-anos-fechado-teatro-grande-otelo-sera-reformado-em-uberlandia.ghtml>; <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/teatro-grande-otelo/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

que pode ser usado tanto internamente quanto externamente, para o pátio que se estende nos fundos do teatro, onde alcança 20 mil pessoas ao ar livre.

Figura 12 - Teatro Municipal de Uberlândia



Fonte: (Prefeitura de Uberlândia, 2024); (Governo de Minas Gerais, s.a); (João Niemeyer, 2019); (G1, 2022)¹⁵.

As apresentações são selecionadas somente via Edital Municipal para projetos de teatro, dança, música, audiovisual e eventos culturais. “A utilização das instalações do Teatro Municipal de Uberlândia está sujeita ao pagamento de preço público pelo uso diário, sendo estabelecidas modalidades relativas às áreas interna e externa, com valores fixos e percentuais sobre a arrecadação da bilheteria. O valor deverá ser pago mediante guia de arrecadação municipal, emitida pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo após a realização do espetáculo” (PREFEITURA DE UBERLÂNDIA, 2022).

Por fim, considero importante a menção ao COMUFU, uma rede de oficinas de teatro gratuitas ministradas por estudantes de Licenciatura em Teatro da UFU, aberta ao público infantojuvenil, adulto e idoso e que acontece duas vezes ao ano. As turmas geralmente são organizadas de acordo com a faixa etária e acontecem cerca de 10 encontros, sendo um a cada

¹⁵ Disponível em:

<<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2024/10/14/prefeitura-abre-edital-de-selecao-de-propostas-para-utilizacao-do-teatro-municipal-em-2025/>>;

<<https://minasgerais.com.br/pt/atracoes/uberlandia/teatro-municipal-de-uberlandia-0>>;

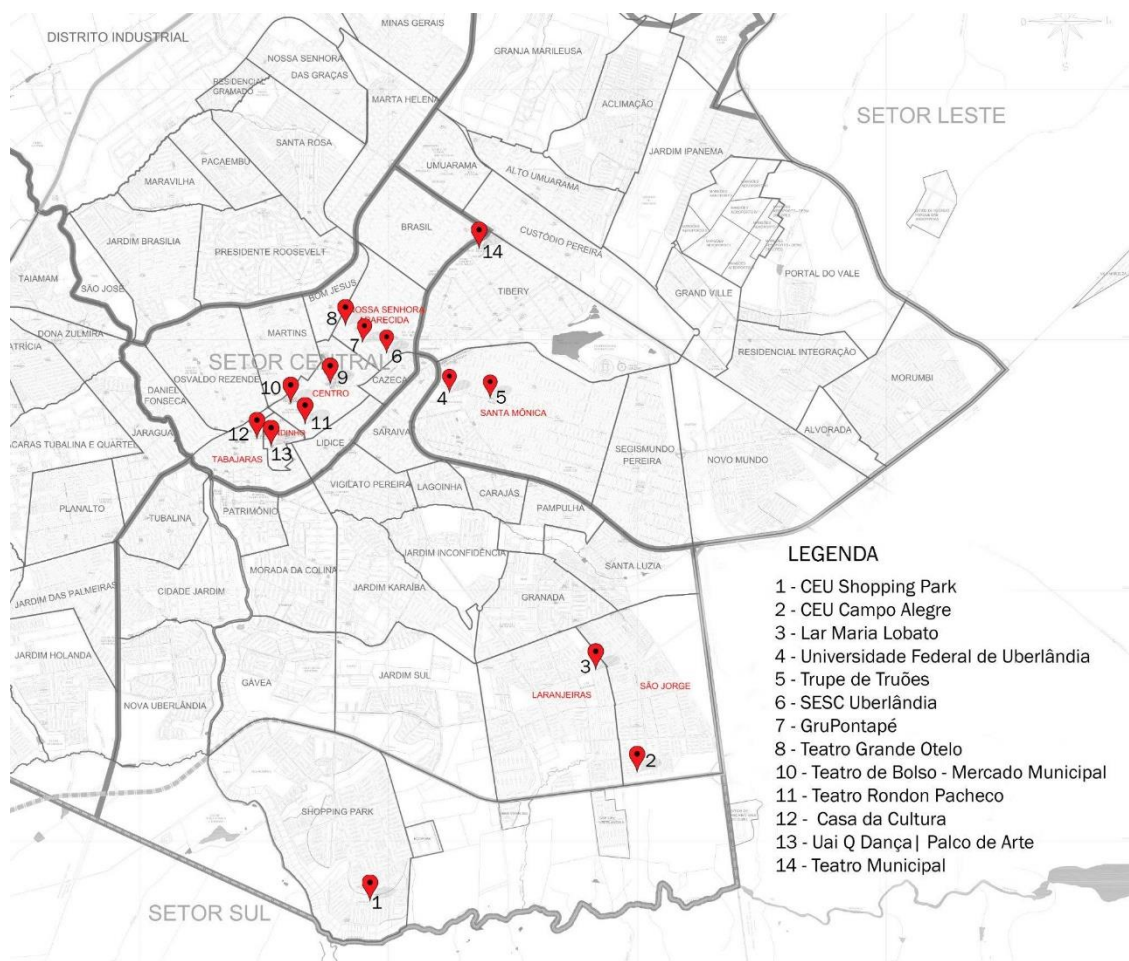
<<http://joaoniemeyer.com.br/portfolio/teatro-municipal-uberlandia-2/>>;

<<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/08/05/diversao-e-arte-veja-o-que-fazer-no-triangulo-alto-paranaiba-e-noroeste-de-5-a-11-de-agosto.ghtml>>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

semana, durante todo o período do evento. O objetivo de cada turma é criar experiências artísticas para seus participantes, de forma que o trajeto possa vir a resultar em cenas ou espetáculos para apresentação compartilhada com o público em uma data conjunta, evento denominado “Encontrão”. Todavia, o compartilhamento não é obrigatório e sim um acordo entre ministrante e participantes.

Para que a divulgação da universidade alcance o público de forma efetiva, o marketing é planejado em um acordo entre a produtora do curso de Teatro, Elisa, e os professores e alunos da instituição, ocorrendo no Instagram oficial do curso e em outros perfis da área, na Rádio e na TV Universitária e às vezes conta também com divulgação externa na TV Integração ou em matérias do G1, além das mensagens via e-mail institucional e pessoal para todos os cursos da instituição.

Mapa 2 - Mapa de Uberlândia Ampliado e seus pontos culturais.



Fonte: Elaboração própria¹⁶.

¹⁶ O mapa referente ao município foi retirado do site da Prefeitura de Uberlândia, entretanto todas as alterações e mapeamento dos polos culturais foram elaborados pela autora.

Sintetizando todos estes passos que tracei durante o Mapeamento Cultural de Uberlândia, houve a necessidade de criar um mapa visual que ilustrasse cada um destes locais, sobretudo para comprovar a teoria de que os espaços culturais estão centralizados e, geralmente, não conseguem alcançar o público das periferias. O mapa acima foi recolhido no site da Prefeitura de Uberlândia ainda no ano de 2022, quando comecei a organizar a ideia do mapeamento.

Desde lá, venho acrescentando e moldando a ele os locais culturais que encontrei. Ele permanece inalterado, exceto por pequenas alterações que realizei, como colocá-lo em preto e branco para melhor sinalização dos pontos de referência, além de retirar três trechos localizados abaixo do bairro Novo Mundo, denominados Cel I, Cel II e Cel III, com objetivo de posicionar a legenda do mapeamento. É importante frisar que tais alterações foram realizadas de forma que não alterasse, em absoluto, o resultado final desta pesquisa, uma vez que não foram mapeados movimentos culturais nos trechos retirados. Todos os pontos foram demarcados em onde residem suas localizações reais, em virtude da alta definição do mapa original coletado.

Observando o mapa base do município, é possível notar o quão próximo estão os indicadores dos espaços, tendo em vista que estão postos em suas posições reais e que Uberlândia é uma cidade que cresce a cada dia, já tendo alcançado os 710.000 habitantes, segundo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fornecido sobre o ano de 2022 e publicado no site G1 (GLOBO, 2023).

Segundo Augusto Boal (2009, p. 15), “o analfabetismo é usado pelas classes, clãs e castas dominantes como severa arma de isolamento, repressão, opressão e exploração”. Analfabetismo, no entanto, não se refere somente ao ato de saber ler e escrever, como também existe uma nuance estética nesta insciência: Boal argumenta que alienar um indivíduo do seu potencial de ver, ouvir ou falar sobre cultura torna-o num espectador passivo, de forma a podar seu potencial criador. Portanto, a defasagem mostrada no mapa acima é demasiado perigosa, visto que a ausência de cultura e pensamento crítico e autônomo, sobretudo por parte da população adulta, pode significar consideráveis níveis de analfabetismo estético em Uberlândia.

É notável como existem poucas caixas cênicas ou instituições culturais quando se cria certa distância da área central da cidade. Acredito que este mapa comprove a hipótese inicial desta pesquisa sobre não haver ações culturais suficientes nos bairros periféricos, sobretudo quando recortamos especificamente o objeto de estudo deste manuscrito, o Laranjeiras. Isto é corroborado através dos únicos pontos culturais encontrados no bairro em um ano de

mapeamento: o Lar Espírita Maria Lobato, voltado para o atendimento de crianças carentes, e o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU) Campo Alegre, cujo uso é extremamente escasso pela maioria dos moradores e, consequentemente, os projetos planejados para a unidade estão sendo descontinuados.

É claro que este estudo não tem a pretensão de ter conseguido mapear todas as instituições, grupos teatrais ou ONGs que atuam com a cultura uberlandense. No entanto, os grupos e pontos teatrais mais conhecidos da cidade foram levados em consideração e, quando ilustrados em mapa, é notável a proximidade que existem entre si.

Mas seria somente a distância o fator determinante que afastaria o público adulto dos eventos culturais em Uberlândia? Retomei minhas teorias sobre as questões financeiras e a falta de conhecimento da agenda cultural, abarcando o preço dos espetáculos, a relação que existe entre a distância e o preço do deslocamento, a assiduidade com que frequentam espaços teatrais e a forma pela qual essas pessoas teriam conhecimento sobre espetáculos e apresentações. E segui a estrada, buscando maneiras de descobrir explicações para os enigmas que surgiram e multiplicaram-se durante este estudo.

CAPÍTULO II: CONVERSANDO COM LARANJEIRAS E A ENTREVISTA PERFORMATIVA

Enquanto realizava minha extensa pesquisa de campo, já estava mirabolando como iria dar início a próxima etapa do planejamento. Precisava investigar a população adulta do bairro Laranjeiras, conseguir as respostas para as perguntas que tanto ansiava. Todavia, eu tinha um obstáculo no caminho: qual o modo mais eficaz para alcançar essas respostas?

Várias conversas que tive com meu orientador, o professor Henrique, indicaram que uma abordagem direta e tradicional, como a que eu estava pensando em fazer, não geraria honestidade suficiente nas pessoas para gerar resultados satisfatórios. Em minha ideia inicial, eu havia criado uma entrevista de cunho padrão, onde passaria pela casa das pessoas e por estabelecimentos locais fazendo perguntas sobre sua assiduidade ao teatro, se já haviam feito alguma oficina, se iam ou não ao teatro; se não iam, isso se devia a questões financeiras, ao deslocamento ou a falta de conhecimento dos espetáculos etc. Lembro-me que, nesta época, quando explicava essas ideias a Henrique, entre minhas perguntas estava “Por que você não vai ao teatro?” e ele a rebateu com a seguinte questão: “Giovanna, você já leu Platão?”. Quando

lhe respondi que não, ele continuou: “Por que não?”. Eu não tinha uma boa resposta... Simplesmente porque não, somente havia estudado Platão na escola e nada mais. Para que ler algo tão complicado sem um motivo específico?

Veio então a lição de moral. Se eu iniciasse minha entrevista com perguntas tão diretas para pessoas que não deveriam ter convívio com o teatro e nem sequer estavam pensando no assunto, elas poderiam se intimidar ao invés de desenterrar as explicações que eu buscava. Por que elas não faziam teatro? Simplesmente porque não, nunca tiveram interesse ou oportunidade. Aposto que elas pensam em teatro tanto quanto eu penso em Platão. As respostas seriam rasas - e eu queria mergulhar fundo até encontrar algum tesouro perdido.

Surgiu a necessidade de criar algo diferente, um novo tipo de diálogo. Então entrelacei a ficção com a entrevista. E assim surgiram os primeiros rascunhos do que vim a denominar de Entrevista-Performativa, um misto de performance, atuação e conversação. Foi como costurar os pedaços de uma boneca de pano até criar algo parecido com o Frankenstein. As costuras dessa ideia deram forma a passos que se assemelham a um Canovaccio: trajada com um figurino que tem como objetivo chamar a atenção das pessoas e gerar um sentimento de identificação e empatia, andar pelas ruas do bairro Laranjeiras explorando pontos de espera, tais como a casa lotérica e pontos de ônibus para puxar assunto a partir de uma história previamente criada que acabaria desencadeando em perguntas-chave.

Nos primórdios da ideia, minha única preocupação era criar algo que não fosse extravagante demais, uma história que assustasse ou chocasse os espectadores, afinal eu considerava que o público adulto tendia a ser mais conservador, reservado, desconfiado.... Eu sabia que iria atrair olhares com ar de estranheza, mas isso estava dentro dos planos.

Esbocei uma versão que continha uma princesa perdida que procurava o teatro mais próximo, onde lá estaria seu noivo, para dar um ar de contos de fadas e fofura a história. Preparei-me para as perguntas que poderiam surgir deste conto e teci um subtexto para Gisele, a personagem; por acaso, o nome de seu noivo era Godot, uma brincadeira que retirei da peça Esperando Godot (2017) de Samuel Beckett, pois estava procurando um noivo que nunca apareceria, assim como respostas que também nunca seriam suficientes para abarcar um bairro inteiro. Foi a melhor coisa - e, honestamente, a única - em que consegui pensar. Aprovada a ideia, era hora de aparar as arestas da coisa: Que roupa eu usaria? Tinha de ser algo chamativo, mas não ousado demais. Que perguntas faria? Como costurar a historinha da princesa com as perguntas que tinha em mente? Eu também iria precisar de um guarda-costas que servisse como

armazenamento de mantimentos, afinal além de correr o risco de ser enfrentada por alguém que possivelmente se sentisse ofendido, poderia ficar com sede.

A roupa foi a etapa mais fácil do processo. Consegui um vestido longo e pesado no acervo de figurinos da UFU e comprei um par de asas de cor semelhante em uma loja virtual, pois só o vestido não era impactante o bastante para chamar atenção e marcar a memória das pessoas. Eu não poderia parecer, mesmo que remotamente, com uma pessoa que está voltando de uma festa. Por mais que o vestido fosse antiquado demais para ser confundido com a moda atual, as asas foram um acessório necessário que se juntaram a uma maquiagem delicada e a prendedores coloridos de borboletas espalhados pelo cabelo. E, depois de alguns meses de uma preparação que se seguiu paralela ao Mapeamento Cultural, eu me vi nas ruas dos bairros Laranjeiras, vestida de princesa-borboleta.

Figura 13 - Gisele, a princesa-borboleta.



Fonte: Acervo pessoal, 2023¹⁷.

No dia 15 de maio de 2023, fiz minha primeira rodada de entrevista. O percurso demarcava uma rota que contivesse locais de espera, como a Casa Lotérica, pontos de ônibus e a sala de espera de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA); no entanto, os lugares que visitei efetivamente foram a Casa Lotérica e o ponto de ônibus da avenida principal do bairro, a Av. Continental, pois de última hora fui convencida de que poderia ser expulsa de forma grosseira da UPA.

¹⁷ Fotos por Luciano Oliveira.

Sai de casa já abordando duas senhoras que trabalhavam limpando a rua. Quando iniciei o roteiro de perguntas, tecendo-o com a história de uma moça que buscava seu noivo no teatro mais próximo, percebi que precisaria ser mais direta para não perder a paciência dos meus entrevistados, visto que mal tinha começado a contar que estava perdida e as senhoras estavam se retirando, afirmando não terem visto ninguém. Não tive a oportunidade de perguntar sobre a frequência delas ao teatro.

Três ruas acima, avistei uma fila na Casa Lotérica e foi para lá que me dirigi. Um a um, comecei a avançar, interrogando-os sobre qual teatro era mais próximo de onde estávamos, quais teatros conheciam, se já fizeram teatro alguma vez ou se já assistiram algum espetáculo, a frequência com que costumam visitar o teatro etc. Se as respostas fossem de cunho negativo, eu trazia um “ah, mas por quê?”, “você nunca teve interesse?”, “é por que é longe? ou por que é caro? você não fica sabendo quando tem apresentação?”.

O esquete das perguntas ocorreu de forma semelhante ao texto abaixo:

“Oi... Eu tô procurando meu noivo, ele está num teatro, será que você saberia se tem algum por aqui? Nessa região não tem nada? Mas existe algum espaço parecido por aqui? E você costuma ir ao teatro? Se fosse mais perto, você iria com mais frequência? E aí você só não vai por que é longe? Tem algum outro motivo? Falta dinheiro? Como você fica sabendo que tem apresentação? Obrigada, vou continuar procurando meu noivo”.

Figura 14 - Av. Continental, CEAI e Casa Lotérica



Fonte: Acervo pessoal, 2023¹⁸.

¹⁸ Fotos por Luciano Oliveira.

Entrevistei várias pessoas, adultos de várias idades e perfis. Às vezes, as respostas levavam a outras perguntas que não estavam programadas, como quando uma senhora me disse que ia frequentemente ao teatro logo após de alegar que eles estavam bem longes, então emendei minha pergunta com um “Sério? Mesmo eles sendo longes a senhora vai tanto?” e continuamos nosso caminho por outro desvio, no qual ela me contou que gostava e ia por questões de hábito. No entanto, a maioria das respostas teve cunho negativo, evidenciando que os entrevistados não iam ao teatro não só pelo obstáculo da distância, como também pela escassa divulgação dos espetáculos e do fomento de cultura em bairros periféricos, fazendo com que não se nutra o hábito de frequentar espaços culturais. O dilema financeiro veio à tona, é claro, porém não se mostrou o fator predominante no quadro geral de respostas.

Algo curioso que aconteceu foi que, frequentemente, durante a pergunta se haviam teatros próximos, os entrevistados mencionaram o Maria Lobato, mas também me encaminharam a locais que eu não havia pesquisado anteriormente, como a Associação dos Reumáticos de Uberlândia e Região (ARUR) e o Centro Educacional de Assistência Integrada ao Idoso (CEAI). Instigada pela indicação, fui a estes espaços ainda vestida de borboleta e verifiquei que na ARUR não existe programação teatral ou cultural, mas o CEAI às vezes recebe atrações culturais para o público idoso.

A segunda rodada da entrevista foi realizada no dia 6 de setembro - e tal espaço de tempo se deu tanto devido a questões técnicas, como reestruturar os moldes das perguntas e conseguir um acompanhante, quanto por um receio que pairava em mim sobre como essa rodada poderia ser melhor. Nesta experiência meu pai, que atuava como acompanhante e guarda-costas, não poderia ficar a entrevista toda comigo, como ocorreu da outra vez. Pensando nisso e em como havia explorado pouco o ponto de ônibus da primeira vez, ficamos por lá enquanto estava com ele. Conversei com transeuntes que esperavam seus ônibus, registramos o momento e depois fui novamente para a Casa Lotérica, onde permaneci a maior parte desta rodada. Meu pai teve de ir, mas de certa forma não fiquei sozinha, visto que minha mãe havia conseguido recentemente um emprego na Lotérica e, por trás dos vidros, ela e suas colegas de trabalho estavam acompanhando meus movimentos.

O tempo que se passou entre as duas entrevistas foi bom, pois clareou a ideia de que eu deveria tentar uma abordagem oposta à anterior. Se eu me sentia tão receosa em voltar com aquela história do noivo perdido - e se parte dos entrevistados acabava desviando da meta principal -, não seria melhor tentar mesclar um pouco dos dois mundos? Decidi que continuaria

a me vestir de princesa-borboleta, mas que não utilizaria a personagem Gisele e seria eu mesma, informaria a todos que estava realizando uma pesquisa para a universidade e partiria para as perguntas, desta vez mais diretas e completas.

Mantive até mesmo meu caderno de anotações comigo, para não perder nenhum fio. E tive a sensação de que essa entrevista ocorreu de forma mais honesta e leve, onde eu me sentia mais segura de mim e ainda tinha um figurino teatral que causava estranhamento em qualquer um que olhasse.

Senti que a alteração no roteiro gerou resultados positivos, afinal não havia distrações que pudessem conduzir as perguntas a outro rumo. No entanto, senti que estava me aproximando perigosamente do dilema de Platão apontado pelo meu orientador, correndo o risco de réplicas rasas.

A sequência de indagamentos que utilizei está descrita abaixo:

Quando você me vê assim na rua, a essa hora do dia, o que pensa que estou fazendo? Você já foi ao teatro alguma vez? Costuma frequentar? Se sim ou não, por quê? Você já viu apresentações acontecendo na rua, na praça? Considera isso teatro? Quais teatros você conhece aqui na cidade? Existe algum aqui por perto? Se tivesse um teatro perto, você frequentaria? Como é que ficou sabendo desses teatros? Como você fica sabendo das informações culturais da cidade?

Não creio que tenha sido atingida pelo dilema de Platão, ao final de contas. Na verdade, analisando a historinha de Gisele e de Godot, mesmo ali eu poderia ter encontrado barreiras entre mim e os espectadores, o que de fato aconteceu. O cunho das perguntas não estava livre dessa possibilidade, visto que são parecidas nas duas rodadas, exceto pelo tom de voz adocicado e os trejeitos de princesa que utilizei com Gisele.

Os resultados que recebi nessa segunda rodada foram complementares aos que já havia alcançado: apontou-se como os teatros mais conhecidos o Municipal e o Rondon Pacheco, de forma que poucos conheciam o Nininha Rocha quando o mencionava; não existe grande hábito de frequentar teatro nem de fazê-lo; algumas pessoas relataram já ter visto apresentações acontecendo na praça Tubal Vilela, mas não no bairro, enquanto outras negaram terem visto; quase todos responderam que não existe teatro aqui por perto, fato que me leva também a afirmar que há um desconhecimento geral sobre o CEU Campo Alegre; frequentariam mais, sim, caso existisse um teatro mais perto; ficam sabendo das atividades culturais por meio

principalmente da televisão e do boca a boca, fator que me surpreendeu, pois esperava que as respostas fossem mais voltadas às redes sociais.

Com base nas entrevistas realizadas, alego que fui capaz de traçar um panorama geral do bairro Laranjeiras. Um bairro distante do centro, cujos moradores adultos não têm acesso local à cultura, não conhecem que há um centro de cultura e esportes disponível para uso de forma gratuita próximo onde moram e tampouco conhecem a fundo a agenda cultural da cidade.

E, se os moradores de Laranjeiras e do São Jorge não conhecem e tampouco utilizam um espaço de cultura criado para eles, em sua própria comunidade, não existe um problema na maneira como esse espaço se relaciona com a população? Não existiria uma falha na comunicação com o público-alvo, crianças e adultos da região, para que fiquem sabendo das apresentações que raras vezes acontecem no CEU Campo Alegre? E o grupo de WhatsApp, que realiza as pesquisas de interesse e de satisfação sobre as oficinas oferecidas pela Prefeitura, é realmente efetivo? Quando colocamos em perspectiva que apenas uma parcela dos moradores está presente neste grupo e recebe as pesquisas de satisfação e atualizações sobre o espaço, é realmente possível aferir que o povo de Laranjeiras e São Jorge, tão numeroso e diverso, não se interessa em participar das ações promovidas pelo CEU? A pesquisa realizada pelos agentes da prefeitura reflete verdadeiramente a visão da comunidade sobre os projetos? Ou estaria ocorrendo um grave erro de comunicação capaz de afetar diretamente a apropriação das comunidades por este local, assim como ocorreu com o CEU Shopping Park?

O fato é que, apesar da internet e das redes sociais serem uma ferramenta de acesso ao conhecimento da agenda teatral, pouco é divulgado sobre o tema em Uberlândia, mesmo que o evento seja gratuito. Desta forma, grande parte da população uberlandense não toma conhecimento da agenda cultural da cidade, nem mesmo conhece os pontos onde pode fruir e fazer parte deste movimento. Isto é refletido diretamente na forma como os moradores Laranjeiras se relacionam com estes eventos, realizados majoritariamente em locais distantes do bairro.

Retomando os pensamentos de Desgranges (2003), é necessária a construção de uma pedagogia do espectador, cultivando os espectadores dos espetáculos, tornando-os parte do processo, mostrarmos a eles que existe voz ativa e pensamento crítico para quem assiste:

A saída para o esvaziamento das salas, portanto, não se resume em facilitar o acesso do público a esse produto, mas consiste também em fazer os produtores teatrais perceberem a importância do espectador no evento. Não somente como alguém que sustenta financeiramente ou cobre de aplausos os espetáculos, mas como o outro

imprescindível em um diálogo. Da mesma maneira como o público se pergunta “por que ir ao teatro hoje em dia?”, talvez seja imprescindível que os artistas de teatro levantem questões semelhantes: Porque ir ao público hoje? Para fazer o quê? Dizer o quê? Para quem? [...] Talvez fosse necessário empreender uma luta para que artistas e produtores abram as salas para os espectadores. E não se trata somente de facilitar o acesso financeiro de todas as camadas da população, mas também de convidar o público a tornar-se parceiro de empreendimentos culturais. Abrir o teatro, de fato, de maneira que o espectador se sinta participante efetivo de um movimento artístico, fazendo da instituição teatral um espaço comunitário, de todos e abertos a todos (DESGRANGES, pg. 25 e 26, 2003)

Mas, então como fazer isso? Alimentando o desejo de incentivar e aproximar os moradores do teatro, analisei as opções que eu tinha ao meu alcance para criar uma movimentação em Laranjeiras, mesmo que pequena e singela. Nasceu a segunda etapa desta pesquisa: as ações pedagógicas em Laranjeiras.

CAPÍTULO III: PEDAGOGIA COMO ENCANTAMENTO

III.I - Desafios para encontrar uma morada

Após um ano percorrendo uma estrada de encantamento, fiz as descobertas necessárias para conjurar os feitiços que, eu esperava, tornassem Laranjeiras mais próxima do teatro. Isso veio a acontecer no meu segundo ano de Iniciação Científica com o projeto “Pedagogia Como Encantamento: Processos Artístico-Pedagógicos em Construção no Bairro Laranjeiras”.

Na verdade, desde o primeiro ano, eu possuía o desejo de construir uma oficina que fosse pensada para a comunidade em algum local do bairro. Esta etapa foi frustrada tanto pela ausência de locais apropriados para abrigar uma aula de teatro, quanto pelo desinteresse e pelas restrições impostas ao projeto pelos responsáveis de instituições que possuíam espaços que considerei aptos a receberem uma oficina. O que quero dizer é que, após sondar espaços abertos e fechados onde seria viável produzir uma oficina capaz de abrigar cerca de 20 pessoas, possibilitando atividades com contato no chão - como é comum no teatro -, e a permanência das aulas fizesse chuva ou sol, não encontrei muitas opções.

De fato, resgatei a ONG Maria Lobato e analisei as igrejas e o Poliesportivo da região, uma vez que em Laranjeiras não existem muitas praças e, infelizmente, menos ainda as que fossem adequadas às necessidades de uma aula de teatro que desejasse *encantar* adultos de primeira viagem. Talvez jogadores mais experientes e dispostos encarassem o desafio de aulas ao ar livre, sob o olhar de julgamento dos transeuntes e da implacável imprevisibilidade do

tempo, mas esta não é uma abordagem adequada para um teatro em comunidade que busque se conectar com o cerne do coletivo, sobretudo quando não encontrei experiências prévias da oportunidade de fazer aulas de teatro em Laranjeiras.

Sem enxergar outra saída, busquei parcerias com pastores de algumas igrejas e com a direção do Maria Lobato, mas, além das rejeições e olhares desconfiados, encontrei também a armadilha de conseguir concretizar a oficina no espaço de uma igreja evangélica. Empolguei-me com essa ideia, acreditando que era tudo ou nada: este pastor e seu filho foram os únicos a levar minha proposta a sério, enxergando um benefício mútuo para a comunidade. Eles cobraram um valor simbólico de R\$100,00 por todas as aulas, que poderiam ser no horário escolhido por mim, e me pediram para divulgar a oficina na igreja durante as sessões de evangelho. O espaço, por sinal, era amplo e tinha a comodidade do ar-condicionado e de caixas de som.

Selamos um acordo verbal e eu estava mais que disposta não só a pagar pelo projeto, como também ceder uma porcentagem das vagas somente para membros da igreja. Após algumas reuniões, no entanto, vieram os obstáculos: primeiro, a censura sobre assuntos sensíveis à religião evangélica - neste momento, foram citados diretamente relações homoafetivas e as proibições de que qualquer integrante da oficina, inclusive eu, pudesse usar shorts curtos, decotes ou um top durante as aulas, mas ficou subentendido que qualquer assunto relacionado a liberdade feminina, ao racismo, posicionamentos políticos e identidade de gênero causariam um grande transtorno para a instituição. Depois, pediram para que eu preparasse uma cena para o Dia das Mães para ser apresentada em um culto de domingo, quando eu deveria divulgar lá a oficina pela primeira vez. A cena, clara, deveria ser de cunho religioso.

Esta foi a gota d'água para o findar o tênue e frágil acordo que foi selado entre nós. Particularmente, eu já não apreciava o fato de estar dentro de uma igreja (sobretudo por uma série de questões pessoais), mas concretizar essa etapa no primeiro ano de pesquisa era a minha maior meta e por isso segui em frente. Mesmo as restrições de vestuário não seriam um grande problema; mesmo discordando do posicionamento dos pastores e acreditando que o teatro exige um tipo de vestimenta mais livre, eu não sacrificaria um projeto inteiro por esse detalhe. Mas não poder abordar questões tão vívidas e inerentes ao teatro gerou questionamentos profundos em mim e em meu orientador, Henrique. De acordo com o próprio Henrique:

A educação é uma forma de intervenção no mundo – que pode estar voltada tanto para a manutenção como para a transformação das condições atuais dos sujeitos envolvidos no ato. No pensamento de Freire, o potencial de mudança é um dos papeis centrais da

educação, e para isto, ela deve buscar a humanização dos indivíduos, e ser uma educação libertária. (Bezerra de Souza, 2021, p. 32)

Afinal, qual o ponto de fazer teatro, de tentar imergir em uma comunidade periférica, se você não pode fazer o que de fato é teatro? Que tipo de transformação pode vir de uma experiência cheia de amarras e mordanças? Teatro é resistência, liberdade de expressão, fuga da realidade, embate com a realidade. Todos os temas censurados compõem a espinha dorsal do que creio ser mais caro à nossa profissão. E, mesmo que nada disso fosse abordado na oficina, eu defendo que devemos ter o direito de explorar esses assuntos. A escolha não é se *podemos* ou não falar sobre a homossexualidade, sobre pessoas trans, sobre o racismo, a inflação, violência doméstica ou o partido político X ou Y: a escolha é se *queremos* falar sobre esses tópicos. A liberdade já está garantida.

Não existe sentido em fazer teatro sem liberdade, assim como não tinha sentido em nichar o meu público e afetar resultados que deveriam ser o mais imparcial possível. Isto é: conforme meu orientador explicou, as aulas em uma igreja evangélica poderiam automaticamente afastar pessoas interessadas que fossem de outras religiões, assim como também poderiam repelir pessoas LGBTQIA+. Se o meu público-alvo fosse contaminado, então parte do meu encantamento falharia. A diversidade era um ingrediente indispensável.

Eu optei por ser livre e adiei a oficina para um segundo ano de pesquisa. Este meio tempo permitiu a reestruturação e aprimoramento do que antes seria apenas uma oficina. Em Pedagogia como Encantamento, os objetivos traçados foram maiores: uma oficina teatral e uma sequência de ações artísticas que chacoalhariam diferentes pontos de Laranjeiras, buscando estimular a autonomia na construção do conhecimento a partir do contexto social do bairro e ampliar o acesso e a discussão sobre as artes cênicas entre os moradores.

III.II - Oficina Teatral

Revisitei os alicerces da construção desse estudo e relembrei que o propósito principal deste estudo, por trás das páginas lidas, de mapeamentos, de performances e congressos, é transformar o bairro que amo e nutro tanto carinho, mesmo que infimamente. Mostrar, mesmo que a uma única pessoa, uma nova paixão, uma forma de expressão que desconhece os limites do tempo, do espaço e da imaginação. Ficou definido que esse deveria ser o maior efeito colateral da poção de encantamento.

Eu queria coletar as histórias de Laranjeiras, mas quais histórias seriam essas? Honestamente, querido leitor, eu não fazia ideia, mas agarrei-me à convicção de que todas as pessoas no mundo têm algo para contar e aqui não poderia ser diferente. Também acredito que todas as pessoas podem fazer teatro, basta uma ação e um espectador atento (BROOK, 2016, p. 15). Baseio-me ainda nos ensinamentos de Viola Spolin, grande escritora de jogos teatrais: “Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco” (SPOLIN, 2018a, p. 3).

Sendo orientada por um professor que adota a pedagogia freireana e que curiosamente também busca encantar pessoas, aprendi que a educação é uma ferramenta que pode transformar o mundo ao nosso redor. Por mais que meu objetivo não fosse, a priori, um teatro voltado para debates sociais como método Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal na década de 1970, eu tinha plena consciência de que o processo criativo dependeria de cada indivíduo que conseguisse cativar e que, provavelmente, acabaria esbarrando em discussões que trouxessem à tona o caráter social dos estudos tanto de Freire quanto de Boal, uma vez que as vivências de Laranjeiras estão permeadas de tônicas econômicas, geográficas, educacionais, raciais e de gênero.

Como relatei no início do TCC, meu desejo era trabalhar com adultos. A faixa etária do público da oficina delineou-se entre os 25 e 60 anos, desenhada pela intenção de atrair indivíduos já maduros, endurecidos pela rotina da vida adulta e das responsabilidades. Pensando justamente nisso, o dia e hora das aulas escolhido foram as manhãs de sábado - julguei, por intuição, que seria um período no qual a maior parte da classe trabalhadora estaria disponível sem o cansaço de um dia de trabalho e das muitas responsabilidades domésticas.

Já tendo eliminado parte das escassas opções que encontrei anteriormente, entrei em contato com a Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL), órgão responsável pela administração dos Poliesportivos, para tentar negociar um dos anexos usados no Poliesportivo São Jorge para aulas de karatê. A tentativa foi infrutífera, pois só é possível usar o local exclusivamente para fins esportivos. Verifiquei, então, o Bem-estar Humano, instituição filantrópica que presta assistência a pessoas de baixa renda e em vulnerabilidade social, porém o espaço é usado como ONG durante a semana e como igreja aos finais de semana, não sendo possível a concessão em horário algum.

Eu não sabia mais onde procurar. A sensação de fracasso crescia mais uma vez - e, com ela, o medo de que um dos ingredientes mais importantes do meu encantamento fosse inviabilizado ainda na prateleira. Meu próximo passo, o único que ainda sobrava, foi pedir ajuda a conhecidos e familiares na busca de um espaço viável.

Foi assim que surgiu a Associação dos Reumáticos de Uberlândia (ARUR), ONG que abraçou e acolheu o meu projeto, através da indicação de uma tia minha que frequenta o local. A ARUR atua na área da saúde; inicialmente criada para atender pacientes reumáticos, atualmente empreende também com cursos profissionalizantes, oficinas artesanais, aulas de pilates e zumba, terapias integrativas, psicoterapia e, não menos importante, com um programa de assistência social que distribui cestas de alimentos semanalmente. O projeto foi criado e idealizado pela sra. Nilma Rodrigues de Oliveira, com colaboração do Dr. Roberto Ranza, Dr. Paulo Eduardo Martins, da psicóloga Celine Vieira, da fisioterapeuta Silvana Cardoso e da assistente social Marta Anselmo Jorge.

Quando cheguei com a proposta, já havia nas coordenadoras, Letícia Moreira e Nilma Rodrigues, o desejo de introduzir atividades artísticas e culturais, o que explica nossa parceria linda e pouco provável. Lá, encontrei a liberdade para realizar as aulas no horário que havia elegido como ideal e, mesmo que a ARUR fosse fechada aos sábados, Nilma se disponibilizou em me ceder a sede sem nenhuma desconfiança. Encontrei, também, a tão sonhada autonomia para abordar qualquer temática que viesse à tona com os participantes. Ganhei ainda apoio na divulgação: a oficina foi anunciada durante as aulas dos outros projetos, nas redes sociais da ONG e nos grupos de comunicação internos. Como o único compromisso do sábado era meu, pude escolher tranquilamente o início das aulas: 18 de maio, das 09h30 às 11h30.

Com o espaço e data definidos, a próxima etapa foi organizar a divulgação. Para isso, usei todos os artifícios ao meu alcance com o tempo e dinheiro que dispunha: solicitei a arte do cartaz a uma designer, pois queria que fosse bem-feito e chamativo; depois, encomendei a impressão de 2 cartazes grandes e de 200 panfletinhos. Os cartazes foram colocados em frente a Caixa Lotérica e em supermercados bem movimentados no bairro, lugares que considerei ideais pelo alto fluxo de pessoas em diferentes horas do dia. Os panfletos foram distribuídos nas ruas, em pontos de ônibus e também no Terminal de Santa Luzia, o mais próximo de Laranjeiras. Criei uma conta de anúncios na plataforma Meta e, investindo um pouco de dinheiro no tráfego pago, impulsionei a arte do cartaz para que atingisse pessoas dentro do bairro nas redes sociais WhatsApp, Instagram e Facebook.

Somente com a campanha paga, eu atingi cerca de 3.000 pessoas. Distribui o máximo de panfletos que pude e deixei uma parcela na secretaria da ARUR, mas ainda assim sobrou. Ao final dessa pequena maratona, as inscrições na oficina foram abaixo do esperado: das 25 vagas ofertadas, houve apenas 18 inscrições. O lado bom foi que essas pessoas não vieram apenas de Laranjeiras, como também de bairros vizinhos como São Jorge e Glória - e até do Segismundo Pereira, que não é tão próximo assim.

Sendo essa a primeira iniciativa teatral que consegui encontrar na região e, levando em conta a falta de contato da comunidade com o fazer teatral, já era esperado que as vagas não fossem totalmente preenchidas, assim como as 25 vagas oferecidas eram estratégicas e já refletiam a consciência de uma inevitável evasão ao longo do processo. Para tornar o processo mais intimista e descomplicado para a comunidade, as inscrições foram feitas via WhatsApp apenas com o nome, idade e telefone dos participantes. Próximo ao início das aulas, enviei mensagem a todos os integrantes para alinhar as informações e pedir que viessem com roupas leves e trouxessem garrafinhas de água.

A primeira aula aconteceu no dia 18/05/2024 e, das 18 pessoas inscritas, apenas 08 compareceram - ou 09, se você contar com o pequeno adorável bebê que veio supervisionar a aula.

Figura 15 - Primeiro Dia da Oficina



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Para encantá-los e reter o máximo de pessoas possível, optei por coordenar brincadeiras e jogos teatrais que coletei do livro 200 Jogos Para Atores e Não Atores de Augusto Boal (2008) e do fichário de Viola Spolin (2008), pois além de conterem jogos adequados para os rituais iniciais de novos jogadores, também

[...] Estrutura-se menos como uma transmissão de conteúdos e mais como uma proposição de experiências, nas quais o participante vai formular as suas descobertas, elaborar as suas respostas, construindo, como foi dito, o próprio conhecimento durante o processo de aprendizagem. A linguagem teatral não é apresentada pelo coordenador como algo pronto, acabado, algo que o professor, que sabe, vai transmitir para os alunos, que não sabem. Ao contrário disso, é apresentada uma linguagem em construção permanente, sempre apta a ser inventada e reinventada (Desgranges, 2006, p. 117)

Para essa primeira aula, separei exercícios como a caminhada pelo espaço, o urso de Poitiers e jogo do espelho; ao final, criamos uma curta cena com o tema “algo estranho está acontecendo na lotérica do bairro Laranjeiras”. A turma foi simpática, mas eu estava muito nervosa por ser a minha primeira vez ministrando uma aula sozinha - e, como o trabalho com comunidade é cheio de surpresas e de jogos de cintura, um dos integrantes teve de levar seu filho recém-nascido para não deixar de ir a aula... Eu acabei ajudando a cuidar dele enquanto explicava os jogos, para que o pai não ficasse disperso o tempo todo. Ao final da aula, tiramos as fotos que você viu acima e criamos um grupo de WhatsApp, a fim de estreitar laços e nos comunicarmos melhor.

Duas das pessoas que vieram a esse primeiro dia, nunca retornaram. Ao longo das aulas, ganhei dois integrantes e perdi outros por motivos variados, como a luta contra o câncer e a obrigação de cuidar dos netos. As aulas tiveram uma média de 4 a 5 alunos que flutuavam entre um sábado e outro; foi difícil ver a turma completa, sempre havia um compromisso importante para alguém - o que eu entendo completamente. Mas me orgulho de dizer que consegui reunir pessoas distintas, de diferentes etnias e experiências: um dos integrantes se sentiu confortável para revelar sua transexualidade, uma das mulheres é Quilombola e compartilhou conosco um pouco da vida no quilombo, outra mulher se mudou de bem longe para Uberlândia há poucos anos e estava reinventando sua vida, um dos homens é tatuador e outro é radialista em uma rádio independente do bairro São Jorge, uma mulher é evangélica e mais conservadora... Juntos, formamos uma turma e tanto. Como desejado, apenas uma ou duas pessoas já haviam feito teatro.

Até porque se for totalmente honesta com você, caro leitor, admito que eu não estava preparada para ministrar uma oficina de forma tão independente. Na época, eu havia vivenciado apenas as partes mais teóricas da licenciatura, em disciplinas como Pedagogia do Teatro e

Estágio I e II - que, apesar de serem estágios, são desenvolvidos de forma progressivas com a observação e leitura de textos até que você esteja pronto para criar uma oficina em duplas ou trios, nos Estágios III e IV. Mesmo as leituras sobre teatro em comunidades e a experiência nos Estágios I e II não puderam suprir em mim a habilidade de entrelaçar os objetivos dos planos de aula, criando uma unidade coerente, assim como vejo hoje que as minhas habilidade de incitá-los durante a criação de cenas e de dirigir indivíduos que experimentaram sua primeira vez no teatro deixou a desejar.

Hoje, após realizar dois COMUFU's, já no fim da trajetória acadêmica, vejo o quão perdida e assustada eu estava durante a criação dos planos de aula e que, mesmo com o meu orientador ressaltando a importância do objetivo e justificativa de cada uma das aulas, não fui capaz de seguir essas instruções porque eu simplesmente ainda não havia vivido o processo na universidade, com o tempo e a minuciosidade e a parceria que as disciplinas oferecem. Por isso, infelizmente, deixei muitas pontas soltas e exercícios mal explicados e mal organizados, que até não possuíam um motivo concreto para estarem naquela aula além de “ah, o pessoal vai achar isso legal!”. Analisando de maneira crítica o meu desempenho, vejo que eu não possuía a capacidade de entender o que deveria ser feito, da maneira como deveria ser feito - e que isso pode (e provavelmente aconteceu) ter afetado a confiança e o respeito dos jogadores, todos bem mais velhos que eu.

E desta maneira foram-se as 09 aulas, com brincadeiras infantis e exercícios teatrais que buscavam resgatar a presença no aqui e agora, a criança interior de cada um e, aos pouquinhos, coletar histórias sobre a comunidade onde viviam. Orgulho-me em dizer que, ao menos, consegui escapar da temida e tradicional concepção bancária da educação, na qual, supostamente, os educandos são “recipientes vazios” e o educador “o detentor do conhecimento”; pelo contrário, acredito ter respeitado as trajetórias de vida e conhecimentos de cada jogador e incentivado não só a reconhecerem que o teatro inúmeras vezes está presente em seus dias a dias, como também a explorar isso afetiva e corporalmente. Eu queria encantá-los, mas acho que é certo dizer que foram eles que me encantaram. Afinal, “o educador é tão educando quanto o educando é também educador” (Souza, 2021, p. 32).

Para coletar histórias de vida, utilizei de alguns artifícios. Na segunda aula, por exemplo, solicitei que trouxessem uma fotografia que tivesse sido tirada em Laranjeiras - ou no bairro onde moram - e, após os jogos de aquecimento e imersão teatral, compartilhamos onde e quando as fotos tinham foram tiradas, além de um fato que aconteceu naquele dia. Diferentes histórias

surgiram: a rua, vista da janela de um apartamento, com o tempo nublado; uma das integrantes em uma plantação de milho em um terreno vazio; um dos integrantes deitado em um banco de madeira no meio de um parque; uma das integrantes com seus netos e familiares; duas selfies de dois outros integrantes em fundos neutros. O material nos contou sobre o primeiro dia de chegada em uma nova cidade, momentos familiares, momentos de amor-próprio, sobre o espaço de trabalho de um tatuador, das recordações das plantações de milho em terras quilombolas, sobre descanso no seio da natureza. Enquanto as narrações aconteciam, propus de ilustrarmos o que era contado em tempo real com nossos corpos - o que, de fato, aconteceu de maneira um pouco confusa e atrapalhada devido a vergonha e a falta de iniciativa comuns em jogadores iniciantes.

Na terceira aula, trouxe uma atividade do livro ‘Ventoforte no teatro em comunidades’ de Marcia Pompeo, na qual desenhamos um caminho que fosse parte do dia a dia de cada um, inventando então uma “história de verdade” e outra “história de mentira”. Com essa proposta, eu queria conhecer os caminhos presentes na vida dos meus educandos, colher algo que fosse significativo para eles neste trajeto e ainda incentivar a criação de uma nova história fantasiosa que não estivesse tão longe da realidade concreta. A primeira parte foi bem-sucedida: os caminhos foram escolhidos e desenhados e, apesar da dificuldade que a turma mostrou na hora de contar uma história que fosse verdadeira, após o meu vergonhoso exemplo começaram a surgir narrativas.

Contei a eles que, uma vez, no trajeto que eu fazia todos os dias para ir à escola, meu pai estacionou o carro em cima de um bueiro e eu, sem ver, desci do carro e caí entre as grades do bueiro. Após risadas e uma dose de pena, uma integrante contou sobre um gavião que ela observava todos os dias da janela de casa, outro contou sobre uma velha vizinha fofoqueira que mais parecia um drone sobrevoando - e aí surgiu o som do carro de pamonha, a jogatina de bingo na igreja que não te deixa dormir, rostos que sempre encontramos pelas ruas... Mas o que mais rendeu risadas e foi uma grande descoberta para mim enquanto moradora da região foi a existência dos “Bodes do São Jorge”: um morador do bairro vizinho ao Laranjeiras cria bodes que eventualmente ficam agressivos e invadem supermercados e estabelecimentos, sobem em carros e perseguem as pessoas na rua. Este é um evento recorrente e bastante na região; nada se faz sobre os ‘bodes do São Jorge’. Esta foi uma das coisas que descobri sobre o lugar onde moro que até agora não fazia a mínima ideia.

Gastamos um bom tempo desenhando o mapa e focando sobre as histórias de verdade. Quanto às histórias de mentira, julgo que essa etapa não tenha dado certo devido a minha inexperiência conduzindo e dirigindo exercícios cênicos. A turma não encontrava o que fantasiar sobre uma realidade tão concreta; na verdade, agora enxergo que havia uma certa dificuldade em adentrar em histórias fictícias por contra própria, o que pode ser um reflexo da etapa da vida adulta. Os minutos se passaram e, visando facilitar a criação e minimizar o sofrimento deles, propus que criássemos uma única história ao invés de uma história para cada caminho. Ainda assim, a história não apareceu e, ao final da aula, tínhamos o rascunho bagunçado sobre um bairro sem asfalto e um motorista de ônibus desleixado que jogava terra em todos os moradores.

É curioso destacar que, sempre que íamos fazer uma cena, havia a tendência de que ela fosse mudar. Algumas vezes deixei que experimentassem assim, em outras lembrei que a fala poderia ser um recurso utilizado e, ao final da oficina, já solicitava como um elemento ‘obrigatório’. Também era difícil para a turma improvisar sem uma combinação prévia, o que também é comum em atores iniciantes.

Ao longo da oficina, desenhamos o nosso próprio corpo com os olhos fechados, esculpimos o corpo alheio, improvisamos com o quê, onde e quem, criamos narrativas compartilhadas e fizemos viagens imaginárias - todos exercícios que retirei de Boal ou de Spolin. Em uma das aulas, cuja criação foi orientada pelo prof. Henrique, o objetivo era fazer com que se vissem como protagonistas na criação de cultura, isto é, que enxergassem a si próprios não só como fruidores de cultura, mas como criadores. Assim, na aula anterior, utilizei a pergunta disparadora “O que é Cultura?” e discutimos o significado de cultura para cada um dos integrantes a partir de fotografias feitas por eles próprios.

As respostas foram mais interessantes e esclarecedoras do que eu imaginava: um cinema, um parque na frente de casa, um beco cheio de desenhos e pichações, uma seleção de fotos de uma das integrantes tocando violão e realizando outras atividades. Foi uma grande alegria ver que o cerne do exercício havia sido atingido por uma das mulheres tão rapidamente, e nós debatemos sobre a fruição cultural de cada um e como nós mesmos somos criadores de cultura. A aula seguinte foi criada exclusivamente para colocá-los sob os holofotes do protagonismo, pois juntei as informações da nossa discussão com o que eu sabia sobre os integrantes e criei exercícios específicos para cada um da turma.

Figura 16 - O que é cultura?



Fonte: Elaboração própria¹⁹.

Primeiramente, a educanda de origem Quilombola contou um pouco sobre a história de seu povo, no norte de Minas Gerais, e então cantamos e dançamos uma cantiga de roda comum em sua cultura. Depois, inspirada pelas fotografias da praça e do cinema e dos relatos de dois integrantes sobre a infância, pedi que fossem escolhidas duas brincadeiras infantis para resgatarmos um pouquinho da nossa criança interior.

Para o radialista e entusiasta a fotógrafo, que trouxe as fotos do que descobri ser o Beco do São Jorge - uma travessia entre duas ruas utilizada pelos moradores que costuma ser perigosa a noite e foi ressignificada através da arte, criei uma dinâmica que, a cada rodada, um tema seria dado pelos próprios jogadores e então uma imagem deveria ser formada na parede, como uma pichação individual sobre a percepção de cada indivíduo sobre o tema. Dessa forma, tivemos vários quadros de pichações em temas como cinema, Olimpíadas, pilates/yoga, religião, luta e dança.

¹⁹ As imagens acima foram trazidas pelos educandos como resposta à pergunta disparadora da atividade.

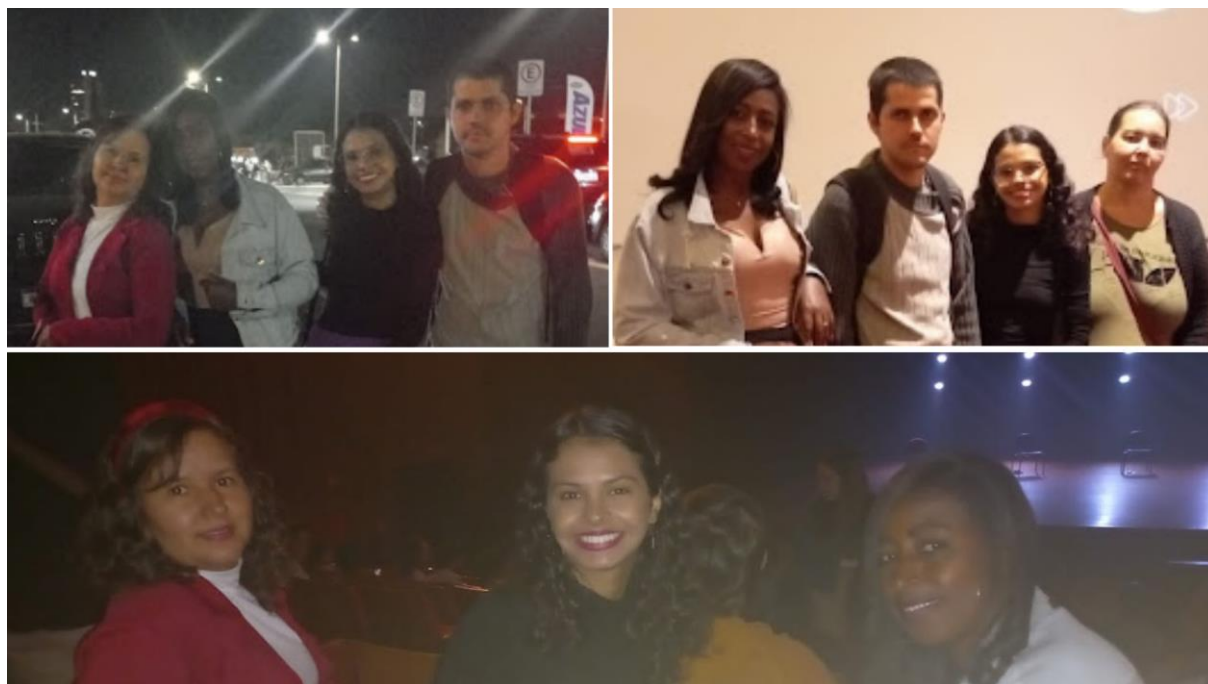
Figura 17 - Pichações corporais



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Para a integrante que já se via como uma criadora de cultura, pedi que trouxesse o violão e tocasse uma música de sua escolha para nós, uma música que fosse importante a ela. A escolha foi “Eu, a viola e Deus” de Rolando Boldrin e o desafio final foi a criação de uma cena que mesclasse as atividades da aula e a música em um contexto minimamente coerente, com início, meio e fim.

Eu queria aprofundar o tema Cultura e proporcionar uma fruição direta aos meu querido grupo de educandos, então entrei em contato com o Diretório Acadêmico Grande Otelo (DAGO) do curso de Teatro, gestão de 2024 e, a partir de uma parceria, nossa turma foi agraciada com a doação de ingressos para a peça “Meu Corpo Está Aqui” que trata dos corpos, desejos e relações amorosas de atores e atrizes PCDs (pessoas com deficiência). Foram disponibilizados ingressos para os 6 integrantes remanescentes, mas apenas 3 puderam ir e, com a sobra de 3 ingressos, 2 foram devolvidos e o outro foi utilizado pela esposa de um dos educandos. Somente uma das educandas já havia visitado o Teatro Municipal de Uberlândia, de forma que essa visita se tornou mais significativa para mim neste processo de encantamento.

Figura 18 - Visita ao Teatro Municipal

Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O traslado para que todos pudessem ir sem a barreira do dinheiro e da distância foi um desafio: com o orçamento curtíssimo, meu pai fez o favor de buscar e levar cada um em sua casa, enquanto eu fui de forma independente. Eu havia entrado em contato com o DAGO em busca de qualquer peça na qual pudessem ceder ingressos para viabilizar a visita, o que veio a acontecer em uma peça com temática PCD, e um dos vários tropeços metodológicos que cometi foi não pesquisar sobre o conteúdo antes de organizar o passeio... O que veio a ser um choque quando parte dos atores ficou nu. O choque não foi por mim, mas por ser a primeira vez de dois dos participantes da minha oficina em um teatro e, bom, também por medo da reação de uma integrante mais religiosa. Fiquei temerosa de que a experiência fosse arruinada e transmitisse a ideia de que as pessoas estão frequentemente peladas no teatro, mas esses pensamentos conservadores foram somente meus. Todos ficaram felizes por visitar o teatro e as opiniões sobre o espetáculo foram positivas e reflexivas, sobretudo porque a esposa que nos acompanhava é PCD e ficou impactada com o discurso empoderador da peça.

No final da oficina, não houve um resultado final a ser compartilhado conforme escolha do grupo. Estruturei uma cena que resgatasse várias marcas de nossa jornada, justamente pelo medo de que não absorvessem todas as histórias que conseguimos levantar ao longo de 09 aulas. Neste último dia, compareceram 4 dos 6 integrantes restantes. Meu maior medo foi o sentimento de que nada daquilo fizesse sentido a eles, mas os feedbacks que recebi foram positivos e o processo parece ter feito sentido a todos.

III.III - Ações Artísticas

A segunda etapa do encantamento foi a realização das ações artísticas. Devo confessar que essa foi a tarefa mais desafiadora de todo o projeto, pois eu não sabia o que propor para engajar efetivamente a comunidade de Laranjeiras. Optei por criar uma intervenção relacionada a parte da oficina em que trabalhamos o significado de cultura para cada um de nós. Nesta proposta, a intervenção consistiu em um cartaz com a pergunta “O QUE É CULTURA?”, buscando provocar respostas e causar inquietação nos transeuntes do bairro. A meta era, além da coleta de respostas, observar se os moradores se consideram produtores de cultura e, por isto, foi realizada duas vezes.

Antes de adentrar em detalhes, caro leitor, gostaria de discutir com você o significado de cultura. Cultura é, segundo o Dicionário Soares Amora (2014), “ação, arte, modo ou efeito de cultivar”, assim como é “estudo, instrução, saber”. Esta autora considera cultura como qualquer produção religiosa, artística e intelectual em uma sociedade; são as estruturas sociais que inventamos e vivenciamos, as tradições e os costumes ancestrais e os que estão sendo criados neste exato momento. E não acho que exista uma resposta errada sobre o que é cultura, esse conceito tão amplo e inerente a qualquer sociedade.

Na primeira vez em que sai por Laranjeiras com este cartaz, as entrevistas ocorreram no Poliesportivo do Parque São Jorge, onde consegui a atenção do público - o que não aconteceu enquanto estive na rua. Abordei, um a um, vários indivíduos que entravam ou saíam da unidade, assim como pais que esperavam seus filhos na aula de karatê; tentei, algumas vezes, conversar com homens e mulheres que caminhavam pelo local, mas o convite foi declinado.

As respostas para uma pergunta tão complexa me surpreenderam: apesar da evidente confusão com uma pergunta tão “profunda” feita abruptamente, as pessoas responderam o que considera-se óbvio nos dias atuais, como televisão e música, mas também sobre cultura ser o processo de cultivar a terra, ser os ensinamentos herdados de mãe para filha, tradições familiares, a dança e o teatro e, em uma conversa com um casal negro, debatemos por mais de meia hora sobre a cultura do congado em Uberlândia e a resistência negra enquanto cultura.

Figura 19 - Ação artística em Laranjeiras



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

É sincero dizer que subestimei as respostas que recebi. Durante a conversa com o casal, juntaram-se mais pessoas interessadas em saber do que se tratava e o debate chegou ao nível de cultura uberlandense, onde todos nós, que vivemos no município há um longo tempo, concluímos que Uberlândia carece de uma cultura que seja cultivada pelas mãos de seus moradores.

Digo isso - e defendo como uma opinião - que a cultura predominante aqui seja o sertanejo produzido em outras regiões do Brasil. Não existe uma criação forte e notável como se tem em Olinda, com os bonecos, ou Parintins, com o Boi-Bumbá, sobretudo no sentido de comover grandes multidões e atrair turistas para nossas festividades. Nosso movimento mais forte é o Congado, que não gera comoção como os eventos regionais citados e, infelizmente, ainda é marginalizado e alvo de preconceito por parte de políticos²⁰ e fiéis de outras religiões.

Responder “O que é cultura?” não é uma tarefa simples. Mas defendo, após as experiências e pessoas que conheci ao longo dessa estrada de descobertas e encantamentos, oficinas e ações artísticas, que mesmo que Laranjeiras esteja afastado dos centros de cultura de Uberlândia, ninguém pode ousar dizer que é este um bairro desprovido de cultura - pois as

²⁰ No dia 07 de abril de 2025, a vereadora de Uberlândia, Janaína Guimarães (PL), durante uma sessão da Câmara Municipal, declarou-se contra o repasse de verbas federais para a realização de festas culturais como o congado, alegando que o congado “não é cultura de jeito nenhum”.

peessoas que ali residem, mesmo que desconheçam em si próprias, são fartas de cultura, de tradições, de catolicismo e ou de evangelho, de congado, de sertanejo. Isso, inclusive, pode ser defendido ao analisarmos as respostas que recebi durante a ação cultural, pois a maioria das pessoas apresentou argumentos como a música e a televisão e a dança, que é farta nas ações cotidianas da maioria dos brasileiros. Ao experienciar esses elementos diariamente tornam-se não apenas fruidores de cultura, como também reprodutores e criadores culturais - mesmo as pequenas ações e em microescala, como acontece muitas vezes com a criação de memes, vídeos virais, paródias etc. Qualquer pessoa pode produzir cultura, pois nós somos cultura.

E, se com minhas proposições estranhas e duvidáveis, eu tiver plantado uma pequena sementinha para aproximá-los do teatro também, estarei feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro leitor,

Após dois anos de imersão e pesquisa, de me afogar em textos e em desespero, de temer a responsabilidade que vem quando criamos algo com o qual nos afeiçãoamos e nos importamos muito, encerro essa experiência sem o sentimento de dever cumprido. Na verdade, o que sinto é o desejo de revolução: continuar tentando, continuar pesquisando, continuar propondo.

Eu não esperava que essa pesquisa significasse tanto para mim como, de fato, aconteceu. Começou com essa vontade de provar aos adultos que o teatro vale a pena, e sinto que termina com (auto)conhecimento - conhecimento sobre lugares culturais que, mesmo nascida e criada aqui, eu desconhecia; autoconhecimento sobre o quanto eu amo morar onde moro, sobre memórias de infância que não sabia estar tão gravadas na pele, sobre o quanto eu quero continuar com projetos que permitam a comunidade sul de Uberlândia a se aproximarem do teatro.

É honesto dizer que não sinto que essa estrada chegou ao fim, apesar deste manuscrito. Há muitas coisas que considero não ter feito e muitas coisas nas quais falhei ao tentar concretizar. Aos tropeços e acertos, acredito ter ministrado uma oficina bem-sucedida, mas quero tentar novamente agora que sei o que estou fazendo. Quanto às ações artísticas... Bom, a discrepante diferença de palavras e reflexões entre esta última etapa e as anteriores deve ter sido o suficiente para você perceber que negligenciei essa parte do processo.

Sob uma perspectiva crítica, acredito ter sido criteriosa ao mapear culturalmente a cidade - considerando a época, a experiência e as informações que consegui reunir. De fato, o cenário em Laranjeiras não era tão diferente das impressões empíricas que eu possuía na época: há uma evidente escassez de projetos culturais, especialmente no que se refere ao público adulto, carente de atividades e também do acesso a informações. Além disso, a falta de estrutura do bairro para abrigar uma oficina teatral dificultou a concretização da etapa mais importante do projeto.

Através da Entrevista-Performativa, pude ouvir de perto os relatos sobre a falta de hábito de ir ao teatro, assim como o desconhecimento de espaços como o Teatro Nininha Rocha. A distância se mostrou um dos maiores obstáculos para o acesso da comunidade, assim como a falta de acesso aos eventos culturais da cidade.

Somada essa análise aos esforços para fomentar o teatro na minha própria comunidade, os resultados foram frutíferos e palpáveis. Um exemplo é um dos educandos da oficina, que possui dificuldade para se comunicar e possui transtornos psicológicos; após o início das aulas, sua esposa relatou que ele melhorou a comunicação social e buscou ajuda psicológica para continuar os tratamentos.

Concluo essa tese com uma citação que acredito que sintetize a minha estrada de descoberta e encantamentos pedagógicos:

“Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 2004a, p. 58).

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**, 20. ed. - São Paulo: Saraiva, 2014.

Associação dos Reumáticos de Uberlândia e Região. **ARUR**. Disponível em: <arur.org.br>. Acesso em: 15 de março de 2025.

BECKETT, Samuel. **ESPERANDO GODOT**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.

BEZERRA DE SOUZA, Henrique. **O professor que persegue o jogo: autonomia e emancipação na pedagogia do teatro**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 256 p.

BROOK, Peter. **Não há segredos: reflexões sobre atuação e teatro**. 1. ed. São Paulo: Via Lettera, 2016.

CAMILO, João Ricardo. Diversão e Arte: veja o que fazer no Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste de 5 a 11 de agosto. **g1 Triângulo e Alto Paranaíba e TV Integração**, 05 de ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2022/08/05/diversao-e-arte-veja-o-que-fazer-no-triangulo-alto-paranaiba-e-noroeste-de-5-a-11-de-agosto.ghml>>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

COUTINHO, Marina Henriques; SOTER, Silvia. Teatro e dança no Centro de Artes da Maré – ações de contra-mundo. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 60–76, 2019. DOI: 10.5965/1414573101342019060. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019060>. Acesso em: 03 de dezembro de 2022. <https://doi.org/10.5965/1414573101342019060>

CRUZ, Hugo. Reflexões e projeções futuras em Arte e Comunidades. *In*: CONCILIO, Vicente; CRUVINEL, Tiago (orgs). **Pedagogia das Artes Cênicas: atuar e agir**. Curitiba: CRV Editora, p. 31 - 41. 2019.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do espectador**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2020. 185p. ISBN: 978-65-86039-20-7.

DESGRANGES, Flávio. Instâncias da relação entre teatro e público: o espectador como participante do ato teatral. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 85–95, 2019. DOI: 10.5965/1414573103362019085. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/15771>. Acesso em: 11 de novembro de 2022. <https://doi.org/10.5965/1414573103362019085>

DINIZ, Mônica Debs. **Mônica**: depoimento [mar. 2023]. Uberlândia, Minas Gerais, 2023. Depoimento ocorrido na Secretaria de Cultura e Turismo de Uberlândia.

FILHO, Henrique José Pareja. **Henrique José Pareja Filho**: depoimento [fev. 2023]. Uberlândia, Minas Gerais, 2023. Depoimento ocorrido no SESC Uberlândia.

FIRMINO, Anaisa Moreira. **Anaisa Moreira Firmino**: depoimento [mar. 2023]. Uberlândia, Minas Gerais, 2023. Depoimento ocorrido na Secretaria de Cultura e Turismo de Uberlândia.

Google Maps. Sesc Uberlândia. Disponível em: <<https://maps.app.goo.gl/Z9ut2TFaR2x2uMYy6>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

Governo de Minas Gerais. **Teatro Municipal de Uberlândia**. Disponível em: <<https://minasgerais.com.br/pt/atracoes/uberlandia/teatro-municipal-de-uberlandia-0>>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

KERSHAW, Baz. **The Politics of Performance: Radical Theatre as Social Intervention**. Londres: Routledge, 1992.

Lar Espírita Maria Lobato de Freitas. **Cia Iluminarte**, 2010. Cia de teatro espírita. Disponível em: <<https://ciailuminarte.blogspot.com/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

MOREIRA, Silene Aparecida de Oliveira. **Silene Aparecida de Oliveira Moreira**: depoimento [dez. 2022]. Uberlândia, Minas Gerais, 2022. Depoimento ocorrido no Lar Maria Lobato.

NIEMEYER, João. Portfólio. **Teatro Municipal de Uberlândia**, 2019. Disponível em: <<http://joaoniemeyer.com.br/portfolio/teatro-municipal-uberlandia-2/>>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Tentando definir o Teatro na Comunidade**. In: IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2007, Belo Horizonte. Anais eletrônicos. Disponível em: <https://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Tentando%20definir%20o%20Teatro%20na%20Comunidade%20-%20Marcia%20Pompeo%20Nogueira.pdf>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

OLIVEIRA, Luciano. 2023. 5 fotografias. **Fotos Entrevista Performativa**. Acervo Pessoal.

Prefeitura de Uberlândia. **Espaço Cultural do Mercado**. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/espaco-cultural-do-mercado/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

POMPEO, Marcia. **Ventoforte no teatro em comunidades**. 1 ed. Florianópolis: UDESC, 2019. 160 p. ISBN: 978-85-8302-193-3 (E-book).

Prefeitura de Uberlândia. **Inscrições para uso do Cineteatro Nininha Rocha no 1º semestre de 2025 seguem abertas**, 2025. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2024/11/06/inscricoes-para-uso-do-cineteatro-nininha-rocha-no-1o-semester-de-2025-seguem-abertas/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

Prefeitura de Uberlândia. **Mapas e Bairros**. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/planejamento-urbano/mapas-e-bairros/>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.

Prefeitura de Uberlândia. **Prefeitura abre edital de seleção de propostas para utilização do Teatro Municipal em 2025**, 2024. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2024/10/14/prefeitura-abre-edital-de-selecao-de-propostas-para-utilizacao-do-teatro-municipal-em-2025/>>. Acesso em: 14 de abril de 2025.

Prefeitura de Uberlândia. **Prefeitura inicia serviços de melhorias no Cineteatro Nininha Rocha**, 2023. <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/2023/07/17/prefeitura-inicia-servicos-de-melhorias-no-cineteatro-nininha-rocha/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

Prefeitura de Uberlândia. **Teatro Grande Otelo**. Disponível em: <<https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/cultura-e-turismo/patrimonio-historico/bens-tombados-e-registrados/teatro-grande-otelo/>>. Acesso em: 17 de março de 2025.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros e VELOSO, Verônica Gonçalves. Ação cultural e ação artística: territórios movediços. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 10, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-266096342>. Acesso em: 01 de abril de 2024. <https://doi.org/10.1590/2237-266096342>

RESENDE, Ana Maria. **Ana Maria Resende**: depoimento [fev. 2023]. Uberlândia, Minas Gerais, 2023. Depoimento ocorrido no CEU Campo Alegre.

SOUZA, Ana Cláudia. **Ana Cláudia Souza**: depoimento [fev. 2023]. Uberlândia, Minas Gerais, 2023. Depoimento ocorrido na Casa da Cultura.

Trupe de Truões. **Ponto dos Truões**. Disponível em: <<https://trupedetruoes.com.br/ponto-dos-truoes/>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

Uai Q Dança. **Palco de Arte**. Disponível em: <<https://www.uaiqdanca.com/palco-de-arte>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.